

REVISTA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

CONGREGAVIT NOS IN UNUM CHRISTI AMOR

Mensagem do Santo Padre o Papa Pio XII ao XXXVI Congresso Eucarístico Internacional	129
Carta da Sagrada Congregação dos Religiosos aos Bispos do Brasil, sobre o Instituto Regina Mundi	132
Instituto da Sagrada Congregação dos Religiosos para os Capelões Militares Religiosos	133
Os Objetivos da Revista da C. R. B.	137
Colaboração das Religiosas no Apostolado dos Sacerdotes <i>P. Gastão Courtois</i>	140
Folheando "The Official Catholic Directory" <i>P. Irineu Leopoldino de Souza SDB</i>	147
A Situação Atual dos Religiosos no Brasil	150
Cartas a uma Superiora <i>P. Geraldo Fernandes C. M. F.</i>	151
Ordem dos Recôletoes de Santo Agostinho <i>P. Luiz Varanda ORSA</i>	152
O Conceito de Paz e a Vida Religiosa <i>D. Bernardo Botelho Nunes OSB</i>	159
Atividades do Departamento de Catecismo em 1954	170
A palavra do Senhor Núncio Apostólico <i>aos Religiosos, em 27-3-1955</i>	171
O XXXVI Congresso Eucarístico Internacional <i>P. Irineu Leopoldino de Souza SDB</i>	173
Do Serviço de Procuradores <i>Lacerio Leopoldino</i>	183
Correspondência e comunicações diversas	184
Crônica — A C. R. B. durante o XXXVI C. E. I.	187
Bibliografia	189

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Propriedade da Conferência dos Religiosos do Brasil

Rua Farani N.º 95 — Rio de Janeiro — Brasil

Diretor Responsável: Pe. Irineu Leopoldino de Souza S. D. B.

EXPEDIENTE

Assinatura, para o Brasil: anual	Cr\$ 150,00
" " " " semestral	Cr\$ 80,00
Número atrasado	Cr\$ 20,00
Número avulso	Cr\$ 15,00
Assinatura para o Exterior: anual	US\$ 8,00
" " " " semestral	US\$ 5,00

A Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil é mensal, e sai no primeiro dia de cada mês.

Colaboração e correspondência: enviar para Rua Farani, 95 D. Federal

* * *

Órgão da Conferência, a Revista dos Religiosos do Brasil reflete a vida da organização de que é mensageira. Tudo o que interessa à vida religiosa, interessa também à nossa Revista. Dos estudos teóricos, à pesquisa, do exame de problemas à sua solução, até encaminhamento de novas fundações e novas obras, e informações de serviços úteis às comunidades religiosas. Seu objetivo é continuar o Congresso dos Religiosos do Brasil, de fevereiro de 1954, no duplo propósito de atualizar e organizar o apostolado dos religiosos.

* * *

Diretoria da Conferência dos Religiosos do Brasil (Eleita no Primeiro Congresso)

Presidente:	<i>Dom Martin Michler O. S. B.</i>
Secretário Geral:	<i>Pe. Irineu Leopoldino de Souza S. D. B.</i>
Tesoureiro:	<i>Irmão João de Deus, Marista</i>
Conselheiros:	<i>Pe. Jodo Bosco Rocha S. J.</i>
	<i>Frei Tarcisio Palazzolo O. F. M. Cap.</i>
Conselheiras:	<i>Madre Maria de Sta. Clara Courcort O.S.U.</i>
	<i>Madre Maria do Calvário M. J. Cr.</i>
Assessor nomeado para as Religiosas:	<i>Pe. Geraldo Fernandes C. M. F.</i>

Séde: Rua Farani, 95 — Rio de Janeiro — Telefone 46-5601

Departamento Jurídico: funciona na Rua Farani, 95

Departamento de Estatística: Instituto Pio XII - R. Real Grandeza, 87

Departamento de Catecismo: Facul. de Filosofia S. Ursula - Farani, 75

Departamento de Educação e Ensino: - Associação de Educação Católica do Brasil - Rua Martins Ferreira, 23 - Telefone 46-5407

Departamento de Serviço e Assistência Social: Instituto Social
Rua Humaitá, 170 - Telefone 26-6563

Serviço de Passagens e Serviço de Procuradoria: funcionam na Séde, à
Rua Farani, 95 - Telefone 46-5601

* * *

Conferência dos Religiosos do Brasil, Seção de Baía e Sergipe
Criada na primeira semana de estudos dos Religiosos de Baía e Sergipe
7 a 14 de Fevereiro de 1955. Tem séde no Colégio das Mercês
Avenida 7 de Setembro — Salvador — Baía

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE O PAPA PIO XII AO XXXVI CONGRESSO EUCHARSTICO INTERNACIONAL

Entoai ao Senhor novos hinos,
ressoem os seus louvores na assembléia dos santos.
Regozije-se o povo de Deus no seu Criador,
e os filhos da Jerusalém celeste exultem no seu Rei.

(Ps. 149, 1-2).

Veneráveis Irmãos e amados Filhos!

Espetáculo sobremodo grandioso o que nesta hora soíene se depara ao nosso espírito. Além, no plinto excuso do Corcovado, a estátua do Redentor, de braços constantemente abertos em cruz, como a repetir, não só à grande Metrópole, estendida a seus pés, mas, Baía do Guanabara em fora: a quantos labutam e sofrem nos mares revoltos da vida: "Vinde a Mim os que viveis sobrecarregados e oprimidos de trabalhos, e Eu vos restaurarei as forças; vinde, e encontrareis paz e conforto para as vossas almas"! (cf. Matth. 11, 28-29).

Símbolo eloquente! mas símbolo que nestes dias se tornou, maravilhosa realidade.

Rendendo imortais graças a Deus, dador de todos os bens, convosco, amados Filhos, exultamos pelas grandiosas homenagens de fé, amor e desagravo, que, à face do céu e da terra, prestastes ao Redentor divino e Rei eucarístico.

Comprazemo-nos paternamente pelos frutos de bênção, pelos acréscimos de fervor e vida cristã, que todos sem dúvida colhestes nestes dias abençoados.

E já o Nosso espírito se regozija in Domino antevendo o salutar apostolado eucarístico, que, de volta aos vossos lares, exercereis com a atividade e exemplo.

Nestes dias tão cheios multiplicastes às demonstrações de piedade eucarística: horas santas de dia e de noite, nos templos e casas religiosas, nos hospitais e nos cárceres; comunhões concorridíssimas para todas as classes da sociedade; procissões deslumbrantes por mar e terra; solenes pontificais em todos os ritos.

Mas não vos bastou tudo isto. Sob a presidência de honra e com a proteção de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil e Séde da Sapiência, esmerastes-vos em meditar e estudar os mistérios da realeza eucarística do Redentor sob todos os seus aspectos, com relação à Igreja, seu Reino eucarístico, aos indivíduos, à família e à sociedade.

Abençoada ciência, que deve ser ciência de salvação para vós e para muitos. A ciência da Eucaristia é luz e é fogo: luz que tende a alumiar, fogo que precisa de atear-se. Não a deixeis esmorecer. Erguei-a bem alto, para que alumie e inflame tudo em torno de vós.

Há hoje por esse mundo trevas tão densas de ignorância! tanto gelo de indiferentismo! Quem sabe realmente o que é a Eucaristia-sacrifício e a Eucaristia-comunhão?

A Eucaristia-sacrifício: o Calvário dilatado no espaço até encher toda a terra, prolongado no tempo até ao fim dos séculos! No Calvário, na hora mais augusta do universo, o sacrifício cruento, em que o Filho de Deus incarnado operou, imolando-se, a Redenção do mundo! Na Eucaristia, o mesmíssimo sacrifício, renovado de modo incruento, cada dia duzentas, trezentas mil vezes em outros tantos pontos da terra.

Caeli enarrant gloriam Dei! Os céus apregoam a glória de Deus! E hoje que a ciência devassou tantos dos seus incomensuráveis abismos, quanto mais patente não ressoa ao nosso espírito esse pregão da divina glória! Mas que é todo ele, nem que fosse milhões de vezes mais poderoso, que é em comparação da glória literalmente infinita, que no silêncio dos nossos altares rende ao Eterno Padre o Deus eucarístico, imolando-se perenemente?

A Terra: um ponto na imensidade do universo! Mas o sacrifício eucarístico transforma-a num turíbulo imenso, que vai através dos espaços exalando-se em espirais de glória infinita ao Criador.

O si scires donum Dei! Oh! se verdadeiramente se conhecesse e recobresse o dom de Deus! Não haveria fiel que nos dias do Senhor faltasse em tomar parte ativa no divino Sacrificio.

A Eucaristia-comunhão: o Rei divino que se nos dá a nós. Oh! se bem se conhecesse e apreciasse devidamente este dom infinito do infinito Amor!

Mistério inefável de união, depois da União Hipostática e da divina Maternidade, a mais assombrosa e divinizante, que tende a revestir-nos não da púrpura real, mas da Pessoa mesma do Rei divino (cfr. S. Io. Chrysostomi, In Joann. Homil. 47 n.º 4 — Migne PG t. 59 col. 262); a fazer-nos cristíferos, concorpóreos e consanguíneos seus (cfr. S. Cyrill. Hieros. Catech. Myst. 4 n.º 3 — Migne PG t. 33 col. 1100); a transformar-nos e converter-nos nele, até podermos dizer que, mais que nós mesmos, é Cristo que vive em nós (cfr. S. Thom. in IV Sent. dist. 12 quaest. 2 art. 1 et 2).

Conseqüintemente, mistério de unidade, que incorporando é quase identificando os fiéis com Cristo, tende a uní-los numa só família, num corpo

único, em que palpita um só coração e uma só alma e cada membro zele só o bem dos outros, tanto ou mais que o próprio.

Mistério de vida, remédio divino de imortalidade (cfr. S. Ignat. ad Eph. n.º 20, 2), que sustenta a vida da alma, repara as forças e as renova, neutraliza os germes dos vícios e faz germinar todas as virtudes, desde os lírios da pureza virginal e angélica, aos heroismos do zelo mais sacrificado.

Mistério de energias divinas, armadura invencível da milícia cristã. Na era dos mártires, toda a solicitude da Igreja era armar os seus atletas com o Corpo de Cristo, para que pudessem aturar até conquistar a coroa (cfr. S. Cyprian. ep. 54 n.º 2.4 — Migne PL t 3 col 883, 885; ep. 56 n.º 1.9 ib. t 4 col 360.367). E hoje, onde florescem densas as palmas do martírio, que venu-
tura para o confessor da fé, se pode abraçar-se com Jesus sacramentado? Ora a vida cristã digna de tal nome, que é senão martírio incruento? Carre-
gar a própria cruz e seguir a Cristo? Para resistir às seduções do mal, não
diz Ele que é preciso a coragem de todos os sacrifícios, mesmo se equivalentes
ao de vazar os olhos ou decepar mãos e pés? (cfr. Matth. 18, 8-9). Se a quer-
reis ter, armai-vos de Jesus sacramentado!

Amados Filhos! quantos no Congresso meditastes os mistérios da di-
vina Eucaristia, pensai que o Redentor e Rei eucarístico vos consagrou arau-
tos e apóstolos seus, para em toda a parte fazerdes conhecer as maravilhas
do seu Amor.

E vós em particular, os que no céu da pátria vedes brilhar o Cruzeiro,
aceso pelo Criador, como a lembrar-vos constantemente que sois "Terra de
Santa Cruz", povo à sombra da cruz nascido, organizado em nação à volta
do altar e do trono eucarístico, que na Eucaristia encontrastes as melhores
energias para "fazer cristandade", e para assegurar com feitos memoráveis
a integridade da pátria e a unidade da fé, que vos encontrais aí, na Cidade
de São Sebastião, fundada ao pé do altar do Senhor, e, quase antes de nascer,
salva para a fé católica mais pelo valor haurido na comunhão, que pela fôrça
das armas, vós singularmente deveis voltar a vossos lares, decididos a ser
paladinos do Rei eucarístico sempre e por toda a parte, tanto na vida indivi-
dual como na familiar, tanto na social e civil como na vida pública; para que
o Redentor e Rei divino, não só de direito, mas de fato, reine em quantos
corações palpitam do Amazonas ao Prata, estabelecendo em todos o seu
reinado de paz e amor, de justiça e santidade, que só assim será, mesmo tem-
poralmente, segundo as divinas promessas, reino de "Ordem e Progresso"
de tranquilidade e concórdia e prosperidade verdadeiras.

Digne-se o divino Redentor, por intercessão de Nossa Senhora Aparecida, assistir-vos sempre com a abundância das suas graças, e seja penhor
delas a Nossa paterna Bênção Apostólica..

SACRA CONGREGATIO
DE RELIGIOSIS

Roma. 27 de Junho de 1955

Exceléncia Reverendíssima:

Em outubro do ano passado, com a aprovação e as bençãos do Santo Padre, este Sagrado Dicasterio fundou o Instituto Romano de Ciências Sacras "Regina Mundi", concretizando o desejo expresso no Congresso das Superiores Gerais que se realizou em Roma em setembro de 1952.

Visa este Instituto proporcionar a elementos de escolas religiosas de diferentes Ordens e Congregações, membros de Sociedades sem votos e de institutos seculares e, em geral, a almas consagradas à perfeição e ao apostolado, uma formação sólida e completa nas ciências sagradas que as prepare convenientemente para exercerem cargos de governo e de formação de outras religiosas no seu próprio Instituto, ou para dirigirem obras de apostolado, especialmente ensino da religião nos Estabelecimentos Secundários e Superiores Femininos.

A força considerável que as religiosas representam atualmente na Igreja e o auxílio ainda mais eficiente que elas poderão prestar mediante uma cultura religiosa profunda e adequada, explicam a importância do novo Instituto.

A ereção em Roma assegura ao Instituto uma orientação inteiramente accordance com as diretrizes da Santa Sé e proporciona às religiosas todas as vantagens de que desfrutam os estudantes, seminaristas e religiosos nos Ateneus Pontifícios internacionais. Com efeito, a permanência no centro da Igreja, nesta cidade consagrada pelo sangue dos mártires e o heroísmo de Santos santos, o contacto com religiosas de países tão diversos, contribui eficazmente para a formação espiritual das religiosas, nelas desenvolvendo o sentido da catolicidade. Além disso, a vida em Roma oferece-lhes inúmeras oportunidades para aperfeiçoarem conhecimentos históricos, arqueológicos, artísticos, humanísticos.

Neste primeiro ano, frequentaram o Instituto 132 alunas divididas em quatro secções: italiana, espanhola, francesa e inglesa (cogita-se atualmente na organização de uma secção alemã); originárias de 22 países, pertencem essas estudantes a 58 Congregações religiosas.

Ao comunicar a Vossa Exceléncia a ereção do Instituto "Regina Mundi", solicita este Sagrado Dicasterio a sua benévolia atenção para torná-lo conhecido das religiosas de sua Diocese a fim de que sejam enviados ao Instituto Romano elementos numerosos e de valor.

O curso completo comprehende três anos; todavia admitem-se também alunas para uma parte do curso. Inicia-se o ano académico em meados de outubro, terminando em fins de junho. Para todas as informações, as Religiosas poderão dirigir-se à Secretaria do Instituto (provisoriamente à Via Flaminiana, 238, Roma).

Queira aceitar, Excia. Revma., os sentimentos de minha alta estima e admiração.

Valerio Card. Valeri
Prefeito

SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RELIGIOSOS

INSTRUÇÃO

A RESPEITO DOS CAPELÃES MILITARES RELIGIOSOS

Acontecendo frequentemente que os Sacerdotes do Clero secular não sejam suficientes para assistir religiosamente os militares, vêm-se às vezes obrigados os Vigários Castrenses a recorrer a Sacerdotes Religiosos ou membros de Sociedades de vida comum para o exercício d'este ministério.

Alguns Legados do Sumo Pontífice perguntaram-nos se esta Sagrada Congregação não teria formulado determinações e normas especiais sobre o assunto.

Na verdade, na Instrução emitida pela Sagrada Congregação Consistorial "Vicariis Castrensis" do dia 23 de Abril de 1951 (A. A. S. 43-1951, página 564), matéria aliás já aprovada pelo Augusto Pontífice, prescreve-se o seguinte:

"Também Sacerdotes Religiosos, dos melhores e mais aptos sejam escolhidos para Capelães, observadas contudo as normas peculiares dadas para os mesmos pela Sagrada Congregação dos Religiosos. Sejam os mesmos destinados, enquanto possível, a lugares onde haja casa da Sociedade Religiosa a que pertencem". (XIII).

Razão por que a Sagrada Congregação dos Religiosos, amante e sólita, como é seu dever, da perfeição dos mesmos, resolveu emanar a presente Instrução, na qual são formuladas determinações para a segura aceitação desta função e constituídas normas para que, uma vez aceita, seja com proveito e santamente desempenhada.

ARTIGO I

Nomeação, afastamento e vigilância

1 — A função de Capelão Militar, que não possa ser exercida ressalvada a residência do sacerdote na própria casa religiosa e satisfeita as exigências da vida comum, mas que, muito ao contrário, exigir que a vida do mesmo quase integralmente e sem interrupção transcorra afastada da família religiosa, à maneira secular e de militar, tal função não deve ser aceita a não ser em caso de verdadeira necessidade; isto é, quando faltarem Capelães do clero secular.

2 — A nomeação e o afastamento dos religiosos da função de Capelão Militar, em geral se regulam pelas normas e diretivas canônicas establecidas para a nomeação e afastamento dos párocos religiosos (can. 456, 454, § 5 tendo-se em vista o artigo III, 1); a vigilância e correção dos mesmos capelães cabem ao Vigário Castrense e aos respectivos Superiores Religiosos, segundo o can. 631 e a Instrução da S. Congregação Consistorial.

3 — Entende-se por Ordinário do lugar nesta matéria o Vigário Castrense.

4 — Tendo-se em vista as circunstâncias especiais em que freqüentemente tal ministério se exerce, não o imponha o Superior Religioso a ninguém contra a própria vontade, a não ser de caso pensado e com razões de maior gravidade.

ARTIGO II

Das condições necessárias para o ofício de Capelão

Para o ofício de Capelão Militar, onerada a consciência dos responsáveis, devem ser escolhidos, em tempo de paz, religiosos:

1 — Que tenham 35 anos de idade, ou, em caso de verdadeira necessidade, que tenham, ao menos, 30 anos completos, com a condição, porém, de que possuam qualidades de um espírito maduro;

2 — Que se distingam pela doutrina, piedade e espírito religioso, nem abraçem este cargo levados pelo amor de falsa liberdade.

ARTIGO III

Da duração do ofício

1 — Os capelães militares Religiosos, havendo justas causas, podem ser afastados do ofício "ad nutum" tanto do Vigário Castrense quanto do Superior Religioso, cumple entretanto que o superior Religioso trate com antecedência do assunto com o Vigário Castrense, a fim de que por ocasião do afastamento, não se originem dificuldades com a autoridade militar, nem que de algum modo prejudicado o ministério apostólico.

2 — Os Capelães Militares Religiosos não devem ser constituidos no ofício por prazo que exceda a 5 anos; o consentimento dos Superiores Religiosos deve ser renovado cada dois anos.

3 — Não sejam reconduzidos ao mesmo ofício, senão depois dc, ao menos por alguns meses, se submeterem espontâneamente e humildemente à perfeita disciplina vigente em casa religiosa. Pode o Superior Religioso com a consciência onerada, dispensar dessa obrigação especialmente aqueles que durante o exercício da função não foram totalmente privados do benefício da vida de comunidade religiosa.

ARTIGO IV

Da condição religiosa do Capelão Militar

1 — O Capelão militar Religioso não deve ser incluído entre os exclaustrados (can. 639), mas entre aqueles religiosos que em virtude do sacro ministério, sob a dependência de seus Superiores, se acham legítimamente ausentes enquanto exercem ofício (can. 606, § 2).

2 — Os Capelães Militares, na qualidade de religiosos legítimamente ausentes, gozam dos direitos e privilégios da própria Religião, e podem receber e conservar na própria comunidade os cargos que de direito e de fato não entrem em choque com a função de Capelão Militar.

3 — O Capelão Militar Religioso está também obrigado diante de Deus pelos votos e vinculado ao dever de observá-los constante e fielmente.

Nem deixou de estar obrigado às Regras, Constituições e prescrições da vida que professou, sempre que condizentes com seu estado e ofício.

ARTIGO V

Da disciplina religiosa e sacerdotal do Capelão Militar

1. — No que se refere à disciplina sacerdotal do Capelão Militar Religioso, deve conferir-se a "Instrução aos Vigários Castrenses" emitida pela Sagrada Congregação Consistorial a 23 de Abril de 1951 (A. A. S. 43, p. 562).

2. — Devem dar os Superiores Maiores aos próprios súbditos que estão investidos do grave ofício de Capelão Militar cartas obedienciais nas quais estejam definidos, segundo as condições especiais e os lugares, os preceitos de disciplina religiosa aqui estabelecidos e ainda, com prudência, completados caso isso, diante de Deus, pareça oportuno.

3. — Cuide-se, antes de tudo, de que cada Capelão Militar Religioso esteja vinculado a determinada casa da própria Religião, assumindo o Superior da mesma a responsabilidade por este religioso no que se refere ao espiritual e ao material.

4. — Quando o número dos religiosos que exerçam o cargo de Capelão Militar o exija, com o parecer dos Superiores Maiores interessados, pode ser constituido um Serviço correspondente à província, região ou nação, encarregado de prover, sob a vigilância dos Superiores, às necessidades espirituais, intelectuais e materiais dos Capelões, de ajudar o trabalho dos Superiores locais, ou dar pleno cumprimento às incumbências destes.

5. — É também muito de se desejar que se agregue um ou outro Capelão Militar Religioso junto ao Vigário Castrense, prestando-lhe informações e auxiliando os companheiros religiosos.

6. — a) Os Superiores Religiosos, por si próprios ou através do referido Serviço (N. 4) — o mesmo se recomenda especialmente aos Vigários Castrenses — façam com que os Capelões Religiosos, enquanto possível, sejam designados para aqueles lugares ou guarnições onde se encontra a sede da própria Religião.

b) Os Capelões Religiosos, na medida do possível, pernoitarão em casa da própria Religião; se não fôr absolutamente possível, fá-lo-ão ao menos em outra casa religiosa ou pia.

c) Sejam sempre advertidos os Capelões pelos seus Superiores no sentido de diligentemente porem em prática aquelas normas de prudência e oportunas precauções expressas nas Constituições, Regras e Estatutos que servem para proteger uma vida de castidade.

d) Indaguem oportunamente os Superiores Religiosos do Vigário Castrense como se desempenham os Capelões que lhes são subditos, e, se o caso o exigir, tratem com o mesmo da maneira de afastar o Capelão religioso de certos riscos, ou de incitá-lo eficazmente a um aplicado desempenho de sua função.

7. — a) O Capelão religioso estará plenamente ciente da sua condição de se encontrar sob a autoridade de seus Superiores de forma não diversa da dos religiosos que dirigem paróquias. De forma que, salvos fatu-

talmente os direitos do Vigário Castrense, toda sua vida religiosa e sacerdotal está sujeita à vigilância, inspeção e juizo daqueles. Peça e receba dos mesmos, a seu tempo, as dispensas e faculdades referentes à vida religiosa que lhe forem necessárias. Poderá também, de acordo com prudente decisão do Superior, seguir na recitação do Ofício divino e na celebração da Santa Missa o Diretório estabelecido pelo Vigário Castrense (Inst. da S. C. Consistorial, n.º VII).

b) Nas épocas estabelecidas pelos Superiores, o Capelão Religioso prestará contas, do que recebeu e despendeu, ao Superior Religioso, a quem está imediatamente sujeito, de forma que seja integralmente observada a pobreza religiosa por parte do Capelão.

c) Toda quantia que restar por não ter sido necessária aos gastos usuais e aos deveres pecuniários do Capelão, deve ser entregue ao Superior Religioso, na forma do can. 594, § 2, ressalvados os compromissos oriundos das prescrições — caso essas existam — estabelecidas pela lei do País ou pelo Vigário Castrense, que imponham um mútuo auxílio pecuniário entre os Capelões Militares.

8 — a) Seja frequente o comércio epistolar entre o Capelão e seus Superiores.

b) os Superiores, sempre que lhes for permitido, visitem os seus Capelões ou façam-no por outrem em seu nome.

c) Cuidem os Superiores de que os confrades, especialmente os que vivem na casa a que estão vinculados os Capelões e também naquelas casas situadas nos lugares onde se encontram Capelões, os visitem, os convide para sua companhia e nunca deixem de cercá-los de fraternal caridade. Exerçam de boa vontade o mesmo dever de caridade para com outros Capelões Militares religiosos que se encontrem longe de qualquer casa de sua Religião.

9 — a) Esforcem-se principalmente os Capelões Religiosos em ultrapassar os demais Capelões Militares no amor fraterno e no ardor do zelo sacerdotal, de forma a mostrar em si uma imagem viva do bom soldado de Jesus Cristo.

b) Cumpram fielmente a obrigação de fazer todos os anos os exercícios espirituais, conservando-se o costume de se recolherem em casa da própria Religião para se entregarem às coisas divinas.

c) Uma vez por mês recolham-se em uma casa religiosa onde, afastados do mundo, passem o dia na meditação das coisas do alto.

d) As férias que lhes forem concedidas segundo o costume ou a pedido, gozem-nas os Capelões não junto aos próprios parentes ou em lugares que segundo a própria vontade escolherem, mas em casas religiosas ou lugares que lhes forem designados pelos Superiores, obedecendo assim à vontade dos mesmos.

10 — O que se prescreve sob os artigos IV e V deve ser cumprido também em tempo de guerra.

Roma, 2 de Fevereiro de 1955

Valério Card. Valeri, Prefeito
Arcádio Larraona, C. M. E. Secretário

OS OBJETIVOS DA REVISTA DA C. R. B.

Embora apenas com um ano e meio de existência, já a Conferência dos Religiosos do Brasil estava sentindo, dia a dia mais premente, a necessidade de uma Revista própria, como instrumento de intercâmbio entre as várias Congregações e Comunidades religiosas por um lado, e a Conferência por outro. As federações dos Religiosos na Bélgica, Colômbia, Itália, têm seu órgão próprio. A falta de uma revista nossa, significava a ausência de um meio adequado de intercâmbio também com estas organizações de outros países.

Por outro lado, o desenvolvimento ininterrupto da Conferência, em seus vários Departamentos e Serviços, estava também a exigir uma publicação periódica, que não fossem mais as circulares modestas e ocasionais da primeira hora. Ao terminar o Congresso dos Religiosos, em fevereiro de 1954, a Conferência ficou instalada numa saleta da Igreja da Cruz dos Militares, à Rua Primeiro de Março, onde trabalhava o Secretário Geral auxiliado por dois funcionários. Hoje, a sede central dispõe de amplo escritório, onde trabalha um grupo de onze funcionários. Com os demais, em serviço nos Departamentos, o quadro de pessoal de nossa Organização é já de 25 auxiliares, entre religiosos e leigos, todos eles, com exceção de três apenas, de tempo integral. Ao se instalar, a Conferência contava apenas com os Departamentos que já preexistiam, o de Educação e Ensino, ou seja, a Associação de Educação Católica, e o de Assistência à Saúde, representado pela União das Religiosas Enfermeiras do Brasil. Dos Serviços, funcionava apenas o de Procuratórios, que também preexistia. Hoje, estão organizados e em pleno funcionamento, o Departamento de Estatística, de Catecismo, de Serviço e Assistência Social, e Jurídico, bem como o Serviço de Passagens, e o de Novas Fundações, de Assistência Espiritual, e de Publicações.

Este simples confronto entre a situação de 1954 e a atual, justifica plenamente a decisão da Diretoria da Conferência, de criar a sua Revista, correspondendo assim ao apelo que nos estava chegando de várias procedências. Desde os dias do Congresso, a idéia da revista era um desejo acalentado por muitos, irrompendo agora em júbilo, traduzido em numerosas cartas que recebemos, quando anunciamos o primeiro número.

A Revista deseja refletir, em suas páginas, a vida e atividade da Conferência. Qualquer interesse das Comunidades religiosas, é também interesse da Conferência. Desde o aprimoramento da forma-

ção dos religiosos e sua santificação, até problemas miudos de administração. A vida das Comunidades, tomada como é objetivamente, sem abstrações nem sonhos sem consistência, as dificuldades encontradas no desempenho do próprio apostolado, as facilidades e vantagens que podemos alcançar, utilizando a força que vem de nossa união e organização: este é o campo onde se move a Conferência dos Religiosos. E tudo isto se deve traduzir nas páginas de nossa Revista. Assim sendo, é plano da Redação manter as seguintes secções: a primeira, de documentos pontifícios e correspondência de Roma; a segunda, com estudos de teologia, dogma, moral, direito canônico, liturgia, ascética, pedagogia, administração, enfermagem e serviço social, ou seja, em todos os campos de atividade dos religiosos, tendendo ao exame e solução dos problemas encontrados nestes apostolados; não visa a Revista promover estudos de pura pesquisa, mas sim a análise objetiva do trabalho dos religiosos, para lhe proporcionar melhoria e mais eficiência, sempre que possível; a terceira, de história das Congregações, para permitir aos institutos religiosos um conhecimento mútuo que certamente virá estreitar os laços de amizade e caridade fraterna que já nos une, e proporcionará, sobretudo aos diretores de consciência e aos que trabalham na orientação de vocações, um conhecimento sucinto do apostolado e da espiritualidade de cada instituto, para bem encaminhar as vocações que se confiaram à sua direção; uma quarta secção, com estudos e informações úteis dos Departamentos e Serviços. Esta será a secção mais variada da Revista, onde podemos encontrar desde um estudo de estatística, analisando a densidade e distribuição dos Religiosos, pelas várias unidades da Federação, um trabalho sobre cursos de formação e especialização, como correspondência do Serviço de Procuratórios, orientando a preparação de documentos necessários aos processos nos Ministérios, solicitando a remessa de papéis que faltam, e informando, pelo Serviço de Viagens, as datas e portos dos diversos vapores; por último, crônica e bibliografia, esta com o intuito de informar sobre obras de formação que se recomendam pelo seu valor.

Não é portanto, o órgão mensal da Conferência, nem uma Revista de estudos, nem um boletim de serviços. É a Revista da Conferência, onde deverá encontrar acolhida tudo o que realmente interessa às comunidades religiosas, de acordo com o plano de atividades da nossa Organização. Poderá ser que futuramente venha a desdobrar-se em publicações diversas, conforme a finalidade diversa de suas atuais secções.

Não desconhecemos as dificuldades que habitualmente surgem em empreendimentos desta natureza, desde as que se referem ao financiamento, até as que dizem respeito à composição de um quadro de redatores. Mas não nos assustamos, porque a confiança que a Conferência sempre depositou nos Religiosos, ainda não foi frustrada, uma vez sequer, mesmo quando as iniciativas propostas supõem sacrifício e dedicação. Estamos certos também de que não estamos fazendo,

desde o início, uma obra perfeita. Mas a Revista crescerá e se aperfeiçoará, como cresceu e se firmou a Conferência, obra de Deus e não dos homens.

Desejamos que venham colaborar com a Redação, religiosos e religiosas pertencentes a todos os Institutos que trabalham no Brasil, começando pelos que ensinam nas casas de formação e de estudos. Na Diretoria da Conferência, há religiosos pertencentes a sete Congregações diversas; nos vários Departamentos e Serviços, trabalham religiosos de mais de dez Institutos Religiosos. Nossa Organização é assim um patrimônio comum dos estados de perfeição no Brasil. Reafirmamos aqui o convite que a todos fizemos, quando estávamos organizando a Revista. Sua colaboração será sempre bem recebida em nossa Redação.

Movidos pela necessidade de dar à Conferência um meio adequado à sua continua expansão; desejando proporcionar às Comunidades religiosas um instrumento de aperfeiçoamento dos seus apostolados, apto a estreitar os vínculos do amor fraterno que nos congregou em Cristo Senhor Nosso; desejando ter em mãos um instrumento que nos facilite a divulgação dos ideais de atualização e organização, origem e fim do nosso movimento; visando a criação de um órgão de intercâmbio, não só entre as Congregações no Brasil, mas também com as organizações dos religiosos de outras nações, a Diretoria pensou fazer coisa útil e de real interesse, lançando a Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil, que entregamos, como o fizemos no ano passado, ao nascer da Organização, com piedade filial, à proteção materna da Virgem Imaculada Mãe de Deus.

A Diretoria

COLABORAÇÃO DAS RELIGIOSAS NO APOSTOLADO DOS SACERDOTES

Conferência do Pe. Gastão Courtois, diretor das Religiosas Educadoras Paroquiais da França, às Religiosas Congressistas — Colégio de Sion — Rio — 26-7-1955

Experimento grande satisfação em vos dirigir a palavra, Reverendas Madres e Irmãs, para vos transmitir a mensagem de Jesus. Depois destes dias inesquecíveis do Congresso Eucarístico, em que houveis impressionado os assistentes, pelo vosso número e pela vossa piedade, é sobre a beleza e grandezza da vossa vida religiosa, que desejo, neste momento, transmitir-vos o pensamento do Senhor Jesus.

Todas vós desejais que o bom Deus vos mande numerosas e santas vocações. A primeira condição, para terdes muitas vocações, é que as jovens que se aproximam de vós, sintam que sois felizes e ufanas de pertencerdes ao Senhor Jesus. Que elas percebam que estais plenas d'Ele, e experimentem que, qualquer que seja vosso hábito, vosso costume, qualquer que seja vossa obediência e vossa missão, sois sempre entusiastas de pertencer a Ele, e de viver por Ele.

É bom para vós meditar de quando em quando sobre a grandezza e sublimidade da vocação religiosa. Qualquer que seja vosso apostolado, quer sejais enfermeiras, ou professoras, educadoras paroquiais, dedicadas às jovens, ou trabalhando numa favela, deveis continuar Maria, nossa rainha e nossa mãe, na sua atitude de filha amante do Pai, espôsa do Espírito Santo, e mãe do Verbo Incarnado.

Filha do Pai. Eis o que primeiramente foi Maria. Que é a Imaculada Conceição? em sentido teológico, significa que desde o primeiro instante de sua existência, de sua conceição, viveu em estado de graça. Mas também em sentido místico, significa que ela realizou, de maneira imaculada, sem mancha alguma, sem nenhuma falha, sem nenhuma deficiência, o ideal do artista divino sobre a criatura humana. Quando o escultor quer fazer uma estátua, ele a tem primeiro em seu coração, a concebe, ele a pensa, volta-se sobre ela sem cessar, e quando a tiver bem concebido, então lhe dá a existência, e a realiza. Deus, para criar Maria, colocou todo o seu poder ao serviço de seu amor, e Maria é a Imaculada Conceição, porque, filha fiel do pensamento do Pai, realizou, de maneira imaculada, o ideal que dela tinha o Pai.

O Pai também teve sobre vós, sobre cada uma de vós, um pensamento eterno. No seu coração, ele vos concebeu desde toda a eternidade. É um dia num ponto do espaço e do tempo. Ele vos fez surgir do nada, ou antes, de seu coração. Ele vos deu o ser, vos deu a vida. Pelo batismo, vos comunicou sua própria vida divina, e melhor ainda, Ele vos escoheu, entre milhares de outras mulheres, para vos associar a Ele, e prolongar sua filha querida, Maria, através de todas as circunstâncias de vossa vida. Cada uma de vós, é um pensamento substancial do Pai. Cada uma de vós tem uma missão insubstituível nessa terra. Cada uma de vós é destinada a fazer o que ninguém mais poderá fazer em vossos lugares. Inclinando-se sobre vós, o Pai vos pode dizer a palavra que o Arcanjo Gabriel, em seu nome, disse a Nossa Senhora: eu te saúdo, minha filha, cheia de minha graça, o Senhor está contigo; és bendita entre milhares de outras mulheres, e tens a missão de continuar a ação daquela que é minha Filha muito amada.

Em Maria, tudo era pureza, tudo orientado para a glória do Pai, para o serviço do Pai, para a vontade do Pai. Ela é a serva do Senhor. Ecce, Fiat, são as palavras que regem sua alma. Da mesma forma, reverendas Madres e minhas Irmãs, vós não sereis religiosas, senão na medida em que também em vós tudo for consagrado à glória do Pai, ao serviço do Pai, à vontade do Pai. Tudo foi doado. Pelo voto de castidade, tendes consagrado ao Pai tudo o que vós sois. Pelo voto de pobreza, consagrastes ao Pai tudo o que tendes. Pelo voto de obediência, consagrastes ao Pai tudo o que fazeis. Em vós, nada há mais portanto de profano. Em vós, tudo é sagrado, e tudo é matéria para o louvor da glória do Pai. Tudo é ocasião para o serviço do Pai. Comendo ou bebendo, dormindo ou trabalhando, tudo se dirige, como diz o Apóstolo, à glória do Pai.

E porque sois filhas do Pai, vós não procurais nada para vós mesmas. A humildade é a virtude fundamental numa religiosa. Tudo o que ela tem, tudo o que é, vem do Pai, é do Pai, é para o Pai. Humildade total. Nada para o amor próprio. Nada para o orgulho. Nada para a vaidade. Tudo para a glória e alegria do Pai. Mas ao mesmo tempo, fidelidade confiante para com o Pai, nas mãos do Pai. Tudo é dado e abandonado aos caminhos providenciais do Pai que são às vezes desconsertantes para a natureza humana, mas se alcançam e se vêm depois com clarice na outra vida, onde se percebe que o Pai nos conduziu: o Senhor me conduz, nada me faltará; Dominus regit me, nihil mihi deerit. Portanto, toda confiança, nas mãos do Pai, à imitação de Maria. Aconfiou, também a ela, nem sempre compreender o que o Pai lhe pedia. Mas ela obedeceu, confiou, aceitou tudo o que o Pai quis. Em nossa vida religiosa, há horas em que não compreendemos, mas é precisamente o momento em que Deus prova a nossa fé e a nossa esperança, prova a sinceridade de nosso amor. E' nestas horas que também vós podeis provar ao Pai que estais em união com Maria, e sois suas filhas, sempre disponíveis para tudo o que Ele espera de vós.

O serviço que o Pai vos quer confiar, serviço de vossa vida religiosa, deve se realizar na alegria. Hilarem datorem diligit Deus, Deus ama a quem dá e se dá na alegria. Deus é alegria, minhas Irmãs. Frequentemente se representa a Deus como um senhor austero, ou como uma espécie de deus vi-

gador. Mas não! O Pai é um pai cheio de ternura, um pai muito misericordioso, um pai cheio de compaixão, um pai que nos quer fazer participar da alegria da família da Santíssima Trindade. Deus é alegria, e quer ser servido em alegria. E o que Ele espera de seus filhos, é o sorriso em seu serviço; é a alegria quando Ele vos fala, à alegria nélle sorridente, a alegria solerte, a alegria sobretudo no coração, mesmo nas horas difíceis e duras. É a melhor maneira de glorificar a bondade imensa do nosso Pai que está nos céus.

O Pai fez de Maria, sua filha muito amada, a espôsa do Espírito Santo. Relembrai as palavras da Anunciação. O Anjo do Senhor vem anunciar a Maria que ela será a Mãe do Salvador. E Maria se inquieta: — Como posso eu tornar-me mãe do Mçssias? Não conheço varão. — Sabeis, em linguagem bíblica, o que quer isto dizer. — Não temas, ó Maria. Quem será teu espôso, é o mesmo Espírito Santo. E na linguagem da Sagrada Escritura, com um realismo todo hebraico, se diz bem que o Espírito Santo se tornará, em toda a verdade, o espôso de Maria. O Espírito Santo descerá sobre ti, te cobrirá com sua sombra, e o que de tí há de nascer, será o Santo de Deus. Maria, espôsa do Espírito Santo. E não sómente porque o Espírito Santo a penetrou, a envolveu e a fecundou, mas porque, espôsa fiel a todos os desejos de seu espôso, ela foi completamente dócil a tudo quanto seu divino espôso lhe pediu. São Paulo nos diz: os que agem pelo Espírito Santo, estes são os filhos e as filhas de Deus. *Hi sunt qui aguntur a Spiritu Sancto, filii Dei.* Pois bem, Maria foi a filha perfeita do Pai, porque foi ao mesmo tempo a perfeita espôsa do Espírito Santo, inteiramente penetrada por Ele, toda regida e conduzida por Ele.

Também vós, reverendas Madres e Irmãs, fostes destinadas pelo Pai, a vós tornardes espôsas do Divino Espírito Santo. Se o Pai vos pediu a renúncia a núpcias terrenas, foi porque Ele vos destinava a núpcias divinas. Na medida em que fordes almas de oração, poderá chegar um momento, em que estas núpcias se tornarão misticamente uma tal fusão, tal estreitamento com o Espírito Santo, que vós sentireis bem que Ele vos possue, vos conduz, vós inspira, vós inflama, que Ele é, em toda verdade, vosso espôso.

Porém, para alcançar que estas núpcias com o Divino Espírito Santo não sejam apenas uma coisa teórica, mas uma realidade vivida, é necessário ter para com Ele a atitude de uma esposa, diante do espôso muito querido. Tanto mais que o Espírito Santo é Deus, infinitamente delicado, infinitamente respeitoso da liberdade humana, e Ele não vem a vós, não penetra em vossas almas, não inspira vossos espíritos, não inflama vossos corações, senão na medida em que primeiro vós o chamardes. Por isto é que a Santa Igreja, no dia de nossa profissão, começou pelo canto do *Veni Creator*, e por isto mesmo, constantemente, a Santa Igreja vos diz: invocai sobre vós a vinda do Espírito Santo, vinde, Espírito de luz, vinde, Espírito de amor, vinde com todos os vossos dons, que crescerão em mim, com vossa presença, e vossa fecunda ação, vinde, ó Santo Espírito. E não sómente chamar. Depois do terdes chamado, é necessário que vos ofereçais a Ele. O Espírito Santo não vos pode transformar, senão na medida em que lhe oferecerdes vossos espíritos, para que Ele aí possa incutir os pensamentos de Deus; os vossos olhos, para que Ele aí coloque os olhares de Deus, para que possais chegar

a ver as coisas, os acontecimentos e as almas, com os olhares mesmos de Deus. Oferece-lhe vossa voz, para que Ele aí ponha as palavras de Deus. Oferece-lhe vosso coração, para que Ele possa aí colocar o amor; os sentimentos, e o gosto de Deus. Oferece-lhe vossa vontade, para que possa aí colocar as energias divinas. Oferece tudo a Ele, para que Ele possa ainda uma vez vos abraçar, vos penetrar e vos estreitar numa união profunda, que será então uma união fecunda, porque sentireis vós mesmas, por experiências que quem vos inspirou, vos conduziu, quem colocou em vossas almas a oração pela qual clamais, como diz São Paulo, Abba, Pater, quem vos infundiu este calor, este entusiasmo, esta energia em vosso devotamento, foi em verdade vosso Divino Espôso, que está em vós, convosco, que age por vós. Então, tudo o que fizerdes, terá uma maravilhosa secundididade.

E a Santa Igreja vos adverte, que na medida em que fôrdes fiéis ao vosso divino Espôso, o Espírito Santo, vós sereis almas consoladas, da única consolação que uma religiosa pode desejar. E' normal que na vida religiosa sobrevenham horas difíceis. Foi pela cruz que Jesus salvou o mundo, e pelo sofrimento e pelo sacrifício que nós poderemos salvar as almas. Este sofrimento e este sacrifício pode vir de maneira inesperada, de modos diferentes, e não raro, da parte daqueles com que pensávamos poder contar. Mas o Pai permite que em algumas horas de nossa vida, nenhum apôio humano nos seja dado. Ele quer, naquêle momento, que seja nosso espôso divino o nosso único consolador. E é por isto, reverendas Madres e Irmãs, que eu vos suplico, sede fiéis à vossa oração. O tempo que consagrás à prece, que consiste essencialmente num entretenimento com o Espírito Santo, em chamar o Espírito Santo, em vós entregardes a Ele, não é tempo perdido. E' tempo ganho para as almas, porque não sereis vós sómente que depois ireis trabalhar, é o espírito de Deus que trabalhará por vós; não sereis vós sómente que falareis a vossas alunas, ou aos vossos doentes, é o espírito de Deus que falará a vossas meninas, aos vossos moribundos, e que vos há de inspirar, não apenas as palavras que soam bem, mas as palavras que fazem bem. E' o Espírito Santo que colocará em vosso coração a caridade, não raro heróica, necessária na vida de comunidade, para vos fazer viver em comum ao longo de todos os vossos dias, e não apenas uma vez ou outra, e que vos fará ver, não já os defeitos, umas das outras, mas vos mostrará todas as riquezas escondidas que o Espírito Santo depositou em cada uma de vós. Então é o Espírito Santo, que será na verdade vosso espôso, e só, com Deus sómente, guardando a solidão, vencereis o desalento.

Filhas do Pai, esposas do Espírito Santo, eis que a vida religiosa vos confere uma outra glória: a de vos tornardes, no plano da fé, em toda realidade mística, um prolongamento de Nossa Senhora, as mães de Jesus. É uma realidade esplêndida. Mão de Jesus, que título admirável, para Maria, theotokos, como a proclamou o Concílio de Éfeso. E com efeito, depois da Anunciação, no momento mesmo em que pronunciou seu ecce e seu fiat, pela presença do Espírito Santo, o Verbo nela se fez carne, e ela se tornou, em toda a verdade, a mãe daquele que é a vida, bem como, ao mesmo tempo, a mãe de todos aqueles que participam desta vida divina. Como diz Santo Irineu, *mater vitae et mater viventium*. Ela foi mãe, não sómente porque deu seu coração e seu

sangue, para formar o coração de Cristo, mas porque colaborou na Encarnação e na Redenção, com o dom total de si mesma. Por sua humildade, ajudou Jesus a curar os homens orgulhosos; por sua obediência, ajudou Jesus a reparar pela revolta dos homens; por sua caridade, ajudou Jesus a expiar por todos os egoismos da terra. E por isto é a mãe de Jesus, a mãe da vida divina, neste sentido que por sua contribuição, ajudou Jesus a dar a vida divina à pobre humanidade.

Jesús, a vida divina trazida pelo Redentor, deve nascer e crescer em todos os homens que vivem na terra. A vida divina é como uma seiva misteriosa, que sobe das raízes e vai alimentar as fibras da árvore, e se transforma, pouco a pouco, em flores que desabrocham e se expandem, em folhas que se espalham, e em frutos que amadurecem. A vida de Jesus, é ainda considerada por São Paulo Apóstolo, como uma força misteriosa, que deve vitalizar, vivificar todas as células de seu corpo místico.. Nossa corpo é composto de milhares de células. Estas células, no corpo de Cristo, diferentemente das do nosso corpo, são dotadas de liberdade. As almas têm o misterioso poder de dizer "não" à ação de Deus, à ação do Espírito Santo, à ação de Jesus, que as deseja animar, vivificar, vitalizar, sobrenaturalizar e divinizar. E então o Pai, no corpo místico, faz reservar e consagrar um certo número de células privilegiadas, que são as almas consagradas, as almas sacerdotais e religiosas, dando-lhes a missão de ajudar as outras células a dizer "sim" ao influxo divino do Espírito Santo. O Corpo místico de Jesus Cristo se compõe de milhares de células. Umas, triunfando no céu, já não podem merecer. Outras, sotredoras, no purgatório, expiam à justiça o que resta de satisfação pelas faltas, para gosar do triunfo do céu. E depois nós homens, dois bilhões de homens, dos quais 400.000 sacerdotes e um milhão de religiosas, que temos o poder de merecer, não sómente para nós, mas também para nossos irmãos.

Vós, sobretudo, que Deus criou mulheres, e por conseguinte, a quem deu uma vocação de mãe. A mulher não se realiza plenamente, senão quando é mãe. E se o Pai vos pediu que renunciásseis a uma maternidade segundo a carne, foi para vos oferecer uma outra esplêndida maternidade, a maternidade segundo o espírito. E cada uma de vós leva consigo, misteriosamente, milhares de almas, cuja vitalidade depende de cada uma. Quando a mãe espera um filho, durante os nove meses que o leva em si, tudo o que ela faz, vai repercutir no pequeno ser que cresce em seu seio. E' por ela que o menino se alimenta, é quando ela respira que o menino se oxigena, e se esta mãe infeliz tomasse veneno, envenenando-se, envenenaria também seu filho. Pois bem. Cada uma de vós leva no próprio coração, misteriosamente, pelos laços secretos da comunhão dos santos, e da conexão do corpo místico, milhares de almas, e tudo o que fazeis, sob a influência do Espírito Santo, alimenta, oxigena, purifica, santifica, ajuda estas almas. Ao contrário, tudo o que fizésseis sob a influência do orgulho, ou do egoísmo, ou da carne, prejudicaria a estas almas. Sentis agora a grandeza e responsabilidade da vida religiosa. Pelas vossas humilhações, alegremente aceitas, unidas às humilhações de Jesus, vós mereceis a graça da cura de todos os vossos filhos orgulhosos. Por vossos atos de obediência, unidos à obediência de Jesus, vós mereceis graças de obediência a todos os vossos filhos revoltados. Pelos vossos

sotimentos físicos ou morais, unidos aos sofrimentos de Jesus, durante sua paixão, mereceis graças de pureza para vossos filhos. E assim contribuireis a fazer nascer e crescer a vida de Jesus nas almas. Em verdade, sois um prolongamento de Maria, theotokos, as mamães do bom Deus.

E entre todos os vossos filhos, há uma categoria particular, que assimialo à vossa atenção materna. São os sacerdotes. A salvação do mundo depende da santidade dos padres, mas a santidade dos padres depende do fervor e da fidelidade das religiosas, em serem plenamente, na linha de sua vocação, filhas do Pai e esposas do Espírito Santo. Dai-me um padre santo. Ponde-o numa paróquia, num colégio, num hospital. E vereis rapidamente que este padre santo terá uma ação maravilhosa sobre os meninos, sobre os moços, as moças, sobre toda gente. Haverá vocações que se multiplicarão por onde ele passar, e os lares serão realmente cristãos. E os pecadores se converterão, e os doentes oferecerão seus sofrimentos com alegria. E sem cessar a paróquia, o lugar, será transformado e renovado.

Mas Deus quis que em nosso auxílio viesssem as religiosas. Tenho encontrado moças que dizem: — Ah! meu Padre! que infelicidade, que não nasci homem! — E porque, minha filha? — Porque eu gostaria de ser padre. — Pois bem, minha filha. Se o bom Deus não permitiu que a mulher fosse padre, é porque ele lhe reserva alguma coisa de não menos belo, de não menos nobre; tornarem-se mamães, em plano espiritual, dos sacerdotes.

E compreendereis a razão profunda. Nossa sacerdócio, em nós, é um sacerdócio participado. Não há senão um só sacerdote, Jesus Cristo. E a nossa ordenação, que nos faz padres, não é senão um desmembramento, uma multiplicação, através dos séculos, da ordenação essencial que constituiu Jesus Cristo o sacerdote do Senhor. Ele é o supremo sacerdote, porque Deus é homem ao mesmo tempo, pode render ao Pai uma homenagem infinita. *Per ipsum, et cum ipso, et in ipso, est tibi Deo Patri omnipotenti, in unitate Spiritus Sancti, omnis honor et gloria.* Realmente ele é o verdadeiro mediador, porque pode recapitular em si, anakephalaiósastai, todas as enfermidades humanas, todas as necessidades dos homens, toda a expiação dos pecados do mundo; é o cordeiro de Deus, Deus colocou sobre ele toda a humanidade, e a resumiu nele. Antes da Encarnação, ele não podia pedir perdão ao Pai, porque não era membro da humanidade pecadora, e não podia render ao Pai a expiação digna de sua divina majestade. Mas, na Encarnação, o Verbo assumiu a humanidade, o que lhe permitiu representar autenticamente todos os homens, e em nome da humanidade inteira render ao Pai eterno uma homenagem total.

Ora, em que catedral, teve lugar esta ordenação essencial, da qual nossas ordenações não são mais que reflexo e multiplicação? Não foi numa catedral de pedra, mas num santuário de carne, no santuário do corpo virginal de uma mulher, a santíssima Virgem Maria. Foi lá que o Verbo se fez homem, e assumiu a natureza humana. Em Jesus Cristo há uma só pessoa, a pessoa divina, e duas naturezas, a humana e a divina. E a pessoa do Verbo assumiu a natureza humana. E por isto Maria é, em toda verdade, mãe do supremo sacerdote, e de todos os que participam, através dos tempos, do seu sacerdócio.

Mas, desde que Jesus se continua em seus padres, Maria, segundo o Mâno eterno do Pai, prolonga sua ação pelas religiosas. No dia da Ascensão, os apóstolos se reuniram no Cenáculo, mas não sóinhos. As santas mulheres, que rodeavam a Santíssima Virgem, lá estavam com eles, erant unanimiter perseverantes in oratione, cum mulieribus, et Maria, matre Jesu. Os apóstolos, formando um só coração e uma só alma, perseveravam na oração, com as santas mulheres, sob a presidência de Maria, Mãe de Jesus. E' bem o empenho de todas as comunidades femininas no correr dos séculos, até os últimos confins da terra, e a presença das santas mulheres, orando em comum, nos Nostros bein como prolongaram a oração de Nossa Senhora, da mesma maneira que os padres prolongam o sacerdócio de Jesus Cristo. Isto é tão verdadeiro, que quando São Pedro foi preso por Herodes, e de noite foi libertado pelo anjo, não foi encontrá-lo seu irmão André, nem o bispo de Jerusalém, São Tiago, nem São João; mas encontrou a comunidade religiosa das santas mulheres, onde, segundo nos dizem os Atos dos Apóstolos, a oração era ininterrupta para a sua libertação.

E agora, as minhas últimas palavras. Tendes aqui um país maravilhoso, o maior país do mundo, com o maior número de católicos. Mas infelizmente, como vos faltam os padres! Ora, o número de vocações sacerdotais depende, em grande parte, de vós, almas consagradas. E não sómente o número, mas a qualidade, a santidade. Os padres são vossos filhos. O bom Deus,

Pai dos céus, quis que dependéssemos de vós. Há graças de fidelidade, graças de resistência às tentações, que normalmente todo padre deve supor, graças de oração, graças de zclico apostólico, graças de conversão, que não alcançaremos senão por vós. E é por isto que, não sómente em meu nome, mas em nome de todos os padres do mundo, vossos filhos, eu vos deixo este apelo: vós sois nossas mães, nós temos necessidade de vós. Sede fiéis à vossa oração, aos vossos sacrifícios, às vossas generosidades, à vossa alegria soridente e irradiante, a tudo o que o Pai espera de vós, a tudo o que o Espírito Santo vos inspira. A vida religiosa é uma vida de lióstia. Mais vós sereis lióstias, mais nós seremos padres. Mais vós sereis Maria, mais nós seremos Jesus. Amen.

FOLHEANDO "THE OFFICIAL CATHOLIC DIRECTORY"

Em Agosto abrimos nossa Revista com um artigo que se intitulava: "Folheando o Anuário". Quando recebemos, da América do Norte, um exemplar de "The Official Catholic Directory", que é o Anuário Católico dos Estados Unidos, Canadá e Exterior, não soubemos fugir à tentação de voltar a um comentário semelhante, folheando o Anuário Católico norte americano.

A capa já nos dá uma notícia interessante. Ao lado do brasão de armas de Pio XII, lemos duas datas: 1817-1955. E o dorso do volume nos lembra: First Issued in 1817. Desde 1817, portanto há 138 anos, vem sendo publicado este Anuário. Pode-se imaginar desde logo o que isto representa de experiência, de disciplina, de tradição. O Diretório tornou-se, com o peso de tantos decénios, uma peça necessária na vida católica do grande país. Outro dado nos chamou a atenção, ainda na capa. Em baixo se lê: Published Annually by P. J. Kenedy & Sons — New York. Um editor comercial, concessionário da publicação. Não é a organização dos religiosos, nem a dos Bispos, nem a National Catholic Welfare Conference, que soma toda a organização católica norte americana. Mais de cem páginas, no começo do livro, e quase outro tanto no fim, são destinadas exclusivamente a publicidade. Ricamente apresentada, esta publicidade terá sido uma receita de vulto no orçamento da edição. Nem por isto o preço do livro é popular. A edição que temos em mãos custa doze dólares, ou sejam, em nosso câmbio livre, quase mil cruceiros.

Na introdução, o editor Louis Kenedy, K. M., Litt. D., depois de lembrar que o Directory presta relevante serviço público, e que os anúncios que contém são bem aceitos, e portanto úteis aos anunciantes, apresenta ligeiramente o conteúdo do volume. Governo da Igreja e Curia Romana; elenco de todos os Sistos Pontífices; a Hierarquia Católica nos Estados Unidos, com relação das províncias; relação pormenorizada de cada província, onde se encontram as indicações referentes ao Prelado, ao governo e diversas organizações da curia; relação do clero, paróquias, missões e escolas paroquiais, na sede da província e fora; relação dos seminários diocesanos e religiosos, indicando o corpo docente e superiores; colégios e universidades, diversos tipos de escolas, da paróquia ou de particulares, hospitalais (gerais e especializados), obras sociais, casas de retiro; relação das comunidades religiosas presentes na circunscrição eclesiástica, com indicação dos superiores. O quadro termina sempre com a necrologia do ano anterior, e um sumário estatístico. Depois das arquidioceses, sempre em ordem alfabética, seguem as dioceses, depois organizações especiais: Exarcado Apostólico do Rito Bizantino de Filadelfia, Diocese de Pittsburgh, de rito grego; Abadia de Belmont; Ordi-

Nariato Militar, os vicariatos apostólicos; as delegações apostólicas. Particular destaque merecem no Directory as Missões mantidas sob a responsabilidade de províncias religiosas com sede nos Est. Unidos: Verbo Divino, Franciscanos, Jesuitas, Redentoristas, Maryknoll, S. Columbano, Maristas. Depois do quadro de organização da National Catholic Welfare Conference, segue-se um índice das ordens religiosas, masculinas e femininas, com indicação do endereço da casa geral, províncias, nome dos superiores, e número dos religiosos. Depois de uma relação alfabética das cidades ou localidades norte americanas onde há igreja católica e sacerdote residente, ou instituições católicas, passa o Directory ao clero, em ordem alfabética, nominal, de todos os bispados e sacerdotes, do clero regular e secular, presentes nos Estados Unidos. São 298 densas páginas, em três colunas, tipo meúdo. Segue-se a necrologia, relativa a 1954.

O volume termina com um Sumário Geral, em forma de mapa, no qual podemos apreciar dados estatísticos sobre a vida católica nos Estados Unidos: 47 Cardeais, 34 Arcebispos, 170 Bispos, 43 Abades, 28.873 padres diocesanos, 18.097 padres congregados, 8.752 irmãos, 158.069 religiosas, 385 casas de formação de religiosos, com 16.493 estudantes, 137.310 batismos de convertidos, população católica de 32.575.702 habitantes, sobre uma população total de 152.054.169 habitantes. Apenas alguns dados numéricos, que selecionamos entre muitos outros.

No rodapé se encontram, neste quadro, os totais de 1954, bem como os totais de 1945, ou seja, de dez anos atrás. Naquele ano, eram somente 12.941 os padres congregados, 25.510 os diocesanos, 6.594 os irmãos leigos, 138.079 as religiosas. Apenas 84.908 os batismos de convertidos, e a população católica era de 23.963.671, sobre uma população total de 132.917.441 habitantes.

Expressiva esta referência ao ano anterior, e à situação de dez anos atrás. Traduz bem a preocupação do americano de dar balanço, examinar positivamente a situação, fazer bem a conta de lucros e perdas. Este hábito de trabalhar com uma visão objetiva e realista, com dados concretos, medindo o que se fez para ver o que falta fazer, é garantia de êxito e prosperidade em qualquer iniciativa de apostolado. Nossos mestres de noviciado nos ensinaram a trabalhar assim na correção dos defeitos e aquisição das virtudes. O esforço para tender à perfeição — característica do estado de vida a que nos consagramos — se faz à base do exame particular de consciência. O mesmo método, aplicado, com as devidas adaptações, ao apostolado e à ação, lhes garante os mesmos resultados.

O que impressiona, em *The Official Catholic Directory*, não é a apresentação editorial do volume. Temos no Brasil muitas editoras capazes de fazer trabalho igual. Princípio a chamar a atenção a organização de escritório que supõe a edição destas mil e muitas páginas. Sómente a secção em que são relacionados, nominalmente, os 46.960 padres, entre diocesanos e regulares, com indicação do endereço, pressupõe outras tantas fichas, as por sua vez supõem os arquivos, máquinas, funcionários, etc.

Mas também isto, — o equipamento e pessoal necessário, para a edição deste gênero, no Brasil — também isto se poderia arranjar com facilidade. Um elemento há que possibilita o Directory, e que não existe por en-

SETEMBRO DE 1955

quanto entre nós: é a disciplina de todos, da massa; o espírito de associação, a consciência viva da ligação com um organismo superior, que ultrapassa a própria casa ou comunidade, a exatidão e pontualidade no fornecer os dados necessários, a participação nos movimentos de interesse comum. Em suma: o que o Directory denota evidentemente, é a organização, naquilo que ela tem de imaterial, no que fica para além dos equipamentos, de móveis, máquinas e técnicos, no que depende da ordem, disciplina e consciência do elemento humano que se associa e se organiza. Toda organização supõe uma parte técnica, e outra humana. A primeira também nós temos. A segunda é que nos falta, e tem levado ao insucesso muitas iniciativas católicas em nossa terra. O espírito de disciplina, a mentalidade comunitária, dos membros de uma associação, é condição essencial de sua prosperidade e solidão.

P. Irineu Leopoldino de Sousa S. D. B.

Revista "LUMEN VITAE"

184, Rue Washington — Bruxelles — Belgique

E' uma revista internacional, de formação religiosa. Aparece quatro vezes por ano. Cada número consta de 180 páginas. Em duas edições: inglesa e francesa. Desta, de maneira concreta e profunda, o conteúdo e os métodos de formação religiosa, as tendências e as experiências atuais da catequese, a psicologia e a sociologia religiosa. E' um instrumento necessário, a todos os responsáveis pela educação religiosa, na diocese, na paróquia, na congregação religiosa; a todos aqueles que se consagram, de maneira refletida, à formação cristã dos meninos, adolescentes, dos adultos. Em cada número, trata, em artigos de fundo, de assuntos de relevo; pela crônica internacional, está ao par dos acontecimentos e das instituições; pela bibliografia, indica os principais livros de formação religiosa. As assinaturas podem ser pedidas ao Departamento de Catecismo da Conferência dos Religiosos do Brasil — Rua Farani, 75 — Botafogo — Rio de Janeiro — Preço da assinatura anual 200 francos belga, ou o valor, em cruzados, correspondente a 4 dólares.

SITUAÇÃO ATUAL DOS RELIGIOSOS NO BRASIL

Em dados numéricos, de acordo com o ANUÁRIO, pág VII :

CONGREGAÇÕES MASCULINAS

Ordens ou Congregações	74
Casas Gerais no Brasil	2
Fundações Brasileiras	2
Casas Provinciais	70
Casas Vice-Provinciais	24
Mosteiros Autônomos	6
Casas Principais	15
Casas Regionais	13
Comissariados	2
Casas de Formação	242
Casas Religiosas	1.079
Número de Religiosos — Sacerdotes	6.987
Auxiliares Leigos	3.136
Obras — Ministério paroquial e missionário	875
Educacionais	582
Sociais	13
De Assistência à Saúde	21
Obras Diversas	53

CONGREGAÇÕES FEMININAS

CARTA A UMA SUPERIORA

III

Revma. Madre

Agradeço a sua carta e vou começar a responder-lhe à pergunta: O que deverei fazer para ser realmente maternal sem perder a minha autoridade.

Nesta carta quero sómente explicar-lhe que no mundo, na Igreja, nas Dioceses, nas Congregações e nas Casas religiosas a forma de governo não é nem democrática nem absolutista, mas familiar. Deus, o Papa, os Bispos, os Superiores governam como pais espirituais. Os súditos, são, com todo direito, filhos. A Superiora, portanto, em tudo e por tudo, deve ser Mãe. Não é verdade que as Superioras são sempre chamadas de Mãe, "Madre"?

Será talvez um governo fraco o que é exercido pela Mãe? Ninguém melhor do que a Mãe, sabe dosar a bondade e o rigor, e ninguém neste mundo consegue ser obedecido mais facilmente do que as mães. O coração manda mais do que a cabeça e muito mais do que a boca.

Talvez lhe pareça estranho que eu lhe recorde tantas vezes a obrigação de governar, animada sempre por espírito maternal, mas é necessário que se insista muito nisto. Tenho visitado e entrado em contacto com muitas comunidades, de muitas Congregações, e cheguei à conclusão de que as Superioras mais obedecidas são as que são mais maternais. Por outro lado Pio XII, lembrando um traço da psicologia feminina, nos diz que é necessário combater a tendência exagerada da mulher ao autoritarismo. É necessário destruir a lenda de que "la dona é mobile" como canta o Duque de Mântua no Rigolletto. Ela é teimosa e obstinada nas próprias opiniões! A Superiora não pode ser assim. Procure lembrar o modo como a sua mãe se fazia obedecer. Lembre-se, ainda que seja preciso muito esforço, das pequeninas táticas maternas; procure recordar lições aprendidas, faltas corrigidas, castigos, práticas de piedade, etc. Noutra carta que lhe escreverei no próximo mês, se Deus quiser, começarei a esboçar os traços característicos do espírito maternal de uma Superiora.

Em Xto.

P. Geraldo Fernandes, C. M. F.

ORDEM DOS RECOLETOS DE SANTO AGOSTINHO

(O. R. S. A.)

A Recoleção Agostiniana — mãe comum dos frades recoletos que trabalham no Brasil — foi um grão de mostarda semeado no campo da Ordem Agostiniana. Esse grão não sómente se fez árvore, na expressão evangélica, mas cobriu com seus ramos gigantescos muitos países e neles se aninharam, cantando e ruflando asas, aves de várias nações.

Houve diversas Reformas ou Recoleções: Recoleção hispânica, italiana, gaulesa e lusitana. Reforma, não no sentido pejorativo da palavra, mas enquanto que, contando a Ordem membros exemplaríssimos na virtude, era razável que se dassem leis e se fundassem casas de especial observância, onde tais varões pudessem se entregá-las espontaneamente a uma vida mais penitente e mortificada.

Historiaremos a Recoleção hispânica. A Província Agostiniana de Castela (Espanha) pode ser certamente considerada a Mãe da Recoleção hispânica.

A título de documentação lembramos que a Ordem Agostiniana, na Espanha, esteve formada de uma só Província, durante muitos anos. No ano de 1504 deu-se a divisão em 7 Províncias, a saber: de Toledo ou Castela Nôva; de Salamanca ou León; de Burgos ou Castela Velha; de Sevilha ou Andaluzia; de Catalunha; de Valência; e de Aragão. Na realidade, eram apenas três Províncias: Castela, Andaluzia e Aragão.

No ano de 1541, graças a três varões assinalados — São Tomaz de Vilanova, B. Afonso de Orozco e P. Seripando — as duas Províncias, Castela e Andaluzia, se uniram formando uma única, a de Castela. Ficou em frutos de santidade e saber, enriquecida com muitos conventos, formadora de posteriores Províncias, Castela foi também a Mãe da Recoleção.

No ano de 1588 a Província de Castela celebrou no convento de Toledo, sob a presidência do Revmo. Superior Geral, o Capítulo Provincial, composto de religiosos tão eminentes que, na expressão de um contemporâneo, podiam honrar qualquer Concílio da Santa Igreja. Das atas assinadas, uma determinava que fossem indicados e fundados conventos de recoletos na Espanha. O de Talavera, fundado poucos anos antes, passou a ser o primeiro da Recoleção. O imortal frei Luís de León foi incumbido, de parceria com Pe. Jerônimo Guevara, de redigir os novos estatutos ou constituições que regeriam as casas recoletas. Pe. Jerônimo faleceu sem ter podido prestar sua colaboração. A confecção do trabalho aplaudidíssimo de frei Luís de León, em 14 capítulos, levou nada menos de nove meses.

A esta altura, uma conclusão se impõe: o fundador da Recoleção é anônimo. Não foi pessoa física e sim pessoa moral (a Província de Castela), que deu origem à ramílio dos recoletos de Santo Agostinho.

Não podemos furtar-nos ao prazer de mencionar duas coincidências históricas, lindamente agostinianas e consoladoras. O decreto da ereção da Reforma recoleta coincidia com a passagem do XII centenário da fundação da Ordem Agostiniana, verificada em 388. O ano de 1588 — e é esta a segunda coincidência — assinalava o 1.º centenário do nascimento do célebre arcebispo de Valência, São Tomaz de Vilanova.

A Recoleção não tardou muito em propagar-se. Cedo alcançou a semelhante lançada no seio da Ordem Agostiniana sólido engrandecimento e prosperidade invejável. Foi tal o número de pedidos de ingresso na nova Reforma que o convento de Talavera se tornou pequeno para abrigar tantos candidatos. Urgia a preparação de outros conventos.

Surgiram então os de Portillo, Nava del Rey e o de Madrid: todos eles memoráveis nos fastos da Recoleção por causa das eminentes virtudes que no recesso daqueles claustros praticaram os primeiros recoletos. Da Crônica referimos o seguinte: "Houve tempo em que a Comunidade jejuava a pão e água às quartas, sextas e aos sábados; nesses dias não se acendia fogo na cozinha.... Todos se amavam com ternura e caridade maravilhosa. Muito longe de lá moravam a discórdia e o aborrecimento, pois não se notou nunca desacordo ou rixa por mínima que fosse".

De tão virtuosos frades se difundiu pelo reino de Castela, não só a palavra de Deus, mas o bom odor de Cristo. Muitos foram os povoados castelhanos que solicitaram convento da Reforma. Entre outros enumerearemos: Alcalá de Henares, Villarubia, Palência, San Martín, Toledo, Valladolid, Salamanca e Plasência.

Como toda obra de Deus leva o selo da cruz, as águas amargas da tribulação tentaram afogar a Reforma. Proibições de fundar novas casas recoletas, supressão do primitivo Noviciado, remoção de religiosos insignes por seu amor à Reforma, eis as armas manejadas contra a nascente Recoleção.

Uma relativa bonança não se fez esperar. O então Procurador, frei João de São Jerônimo, foi a Roma, reinando Clemente VIII. Alcançou a graça de que o Santo Padre lesse e aprovasse as Constituições de frei Luís de León, cuja prudência e espírito louvou. Maior favor ainda viria superar todas as expectativas. S. Santidade concedeu a Bula *Decet Romanum Pontificem* (1598) determinando que os conventos recoletos ficassem independentes da Província de Castela, embora submetidos ao Padre Provincial da mesma. Aos 24 de maio de 1601 o mesmo Pontífice expediu o Breve *Cum sicut dilectus filius concedendo*, à Recoleção, Superior próprio e independente da Padre Provincial de Castela.

Nem por isso a calma completa voltou. A garantia de regime de um Instituto só perdura, e a paz e o progresso sómente campeiam, quando se apoiam na unidade de direção. Os primeiros Recoletos sentiam isso mesmo. E no Capítulo de Portillo, celebrado a 13 de dezembro de 1601, sendo presidente o Núncio Apostólico, resolveram suplicar ao Sumo Pontífice se dignasse elevar a Recoleção à categoria de Província. O que se deu pelo Breve *Apostolici munieris*, expedido pelo Papa Clemente VIII, aos 11 de fevereiro de 1602. Em virtude dessa suprema decisão os conventos da Recole-

ão constituíram Província separada, com o título de Santo Agostinho, com todos os privilégios; graças, indultos, isenções, imunidades, favores, liberdades, concessões e outras indulgências de que usufruiam as Províncias da Ordem.

Foi eleito Prior Provincial o Pe. João de São Jerônimo, o mesmo que chefiará depois a primeira missão de recoletos às Ilhas Filipinas. Durante sua gestão, foram fundados os conventos de Saragoça, Borja, Valência, Jardilla, Valladolid, Zuera, Alagón, Benavarre, Alcalá, Viciosa e o Colégio de Salamanca.

Ao término do próspero triénio, foi celebrado o segundo Capítulo Provincial, em Madrid. Padre Vera é escolhido Prior Provincial. Foi nessa ocasião estudado o projeto de missões recoletas ao arquipélago filipino. Mari-veles, em Bataan, Manila e as selvas, foram percorridas por êsses homens de fogo e fecundadas com a palavra, sangue e suores dos evangelizadores da paz e do bem. Frei Miguel da Madre de Deus uniu à glória missionária a palmá do martírio. Duas vezes igual a Santo Estêvão: foi apedrejado por aquêles mesmos a quem desejava ganhar para Deus e foi o protomártir da Recoleção.

O terceiro Capítulo Provincial, celebrado em Madrid, escolheu para Provincial o Pe. Gregório Alarcón. Desencadeia-se então amarga tempestade contra os recoletos. Um venerável decreto pontifício, sendo Papa Paulo V, com data de 16 de julho de 1608, assinava a extinção da Reforma. Dois anos mais tarde, um outro decreto do mesmo Pontífice restabelecia a Província. Surge outro cónvento, o de Granada. Entre o quinto e o sexto Capítulo Provincial, foram enviados missionários à Escócia. Outros conventos são fundados, aparecem outros Colégios.

Por volta do ano de 1620, excessivo era o incremento que a Recoleção tomava na Espanha, para que seus filhos se contentassem com formar uma só Província. Contavam com o valimento e a proteção do poderosíssimo Rei da Espanha, o qual escreveu, aos 26 de janeiro do mesmo ano, uma carta ao Sumo Pontífice Gregório XV, suplicando-lhe se dignasse elevar à categoria de Congregação, com seu Vigário Geral próprio, a que então era simples Província. Cartas do mesmo Rei, com este objetivo, foram endereçadas ao duque de Albuquerque, representante de S. M. em Roma, ao Cardeal-Protetor da Ordem Agostiniana, Sauli, e ao Cardeal Burgesio, sobrinho que foi de Paulo V.

Aos 5 de junho de 1621, S. S. Gregório XV, concedia o Breve *Militantis Ecclesiae regimini* em que se ordenava a divisão em Províncias e a Recoleção passaria a Congregação, com Vigário Geral próprio. Formaram-se quatro Províncias: de Santo Agostinho (Castelas); da Virgem do Pilar (Aragão e Catalunha); São Tomaz de Vilanova (Andaluzia) e a de São Nicolau de Tolentino (Filipinas). O mesmo Pontífice, pelo Breve *Ad Sacram B. Petri Sedem* (31 de agosto de 1622) aprovou a divisão feita. Frei Jerônimo da Ressurreição foi o primeiro Vigário Geral da Recoleção.

Os Capítulos Gerais e Interníédios realizados vão regulando a vida da novela Congregação. Os conventos de Colômbia (América) são anexados à Congregação, para serem depois, em decreto do nono Capítulo Geral, nova-

mente separados a fim de formarem a quinta Província, que se chamou Nossa Senhora da Candelária.

O Capítulo havido entre o nono e o décimo mandou imprimir as Crônicas, o Cerimonial e as Constituições, e aclamou o glorioso São José como Protetor da Recoleção. "O dia de sua festa seria celebrado com toda solenidade e culto possível": assim determinaria o XVIII Capítulo Geral.

No espaço de tempo decorrido entre o XVI e XXV Capítulos Gerais, se uniformizou a maneira de rezar e vestir dos recoletos. Houve a permissão de vestir de recoletos os Santos da Ordem. Foram proibidos os títulos meramente honoríficos.

Onze Capítulos Gerais foram ainda celebrados até a extinção das Ordens Religiosas no governo funesto de Mendizábal, em 1835. Cinquenta e quatro anos viveu a Congregação seu Vigário Geral. Comissários Apostólicos substituiram-nos nomeados pela S. C. de Bispos e Regulares.

Conduzida pela mão forte e suave, sempre bondosa da divina Providência avançava a nau da Recoleção Agostiniana. Um rescrito pontifício de 18 de julho de 1911 determinava que a Congregação dos Recoletos ficaria independente do Generalíssimo da Ordem Agostiniana. Graças à benevolência do hoje Santo Papa Pio X, a Recoleção adquiriu personalidade jurídica, passando à categoria de Ordem religiosa desde 1911. O Breve *Religiosas Familias*, expedido pelo santo Pontífice aos 16 de setembro de 1912, não foi mais do que a solenização do Rescrito do ano anterior. Em versão castelhana oficial da Ordem, o documento pontifício tinha o seguinte teor:

"Honramos, de muy buena voluntad, con singulares honores y privilegios, según costumbre y norma de los Romanos Pontífices, a las Familias Religiosas, que se han hecho beneméritas de la Iglesia, ora por la antigüedad, ora por su propagación en el orbe de la tierra, o ya principalmente por los trabajos sufridos en aumentar la gloria de Dios y en procurar a los hombres la salud eterna. Nadie, desde luego, ignora que entre estas sociedades deben ser con todo derecho contados los Agustinos Recoletos de la Congregación de España e Indias, los cuales, perteneciendo a la inclita Ordem de Ermitaños de San Agustín, esplendidíssima lumbre de la Iglesia... Progresó en breve tiempo la predicha Congregación: pues ilustrada no sólo en España sino también en la América meridional, en el Japón y las lejanas islas Filipinas, por doctos y santos varones, muchos de los cuales sufrieron el martirio, en todas partes dió testimonio elocuente de su espíritu apostólico. Juzgaron, pues, razonable los Romanos Pontífices nuestros predecesores favorecer con singulares privilegios e indultos a este Instituto de la Recolección Agostiniana, y Nos, movidos del mismo deseo, juzgamos deber también recibir benignamente los votos y preces de nuestro amado hijo Francisco Sardaba de la Virgen del Carmen, Procurador General, el cual nos ha pedido nuevas gracias para esta su Congregación. Por lo cual, abrazando con singular benevolencia a los Agustinos Recoletos de la Congregación de España e Indias, y deseando fomentar el incremento y prosperidad de los mismos, cuanto podemos en el Señor, por el tenor de las presentes, por nuestra autoridad apostólica, concedemos y acordamos, de un modo perpetuo, que en adelante el Superior supremo de la misma Congregación, el cual hasta ahora

Se ha llamado Vicario General, pueda y deba llamarse Prior General de la Orden de Ermitaños Recoletos de San Agustín. Con la misma autoridad que esta concedemos que, tanto a este Prior General como al Procurador General de la mencionada Congregación, se les asigne un lugar en la Capilla Papal, y, respectivamente, en las funciones a que por concesión pontificia asisten los demás Superiores Generales de las Ordenes... Y mandamos que las presentes Letras sean y permanezcan siempre firmes, válidas y eficaces, y que surtan y obtengan sus plenos e integros efectos, y que en todo y en todo favorezcan plenísicamente a aquéllos a quienes interesan e interesarán posteriormente, y que así se deba juzgar y definir, en cuanto a los puntos antes dichos, por cualesquiera jueces ordinarios o delegados, sendo inválido y nulo quanto, a sabiendas o por ignorancia, se intente hacer en otra forma, respecto de esto, por cualquiera, sea la que fuere la autoridad... Dado en Roma, bajo el anillo del Pescador, el dia 16 de setiembre de 1912, décimo de Nuestro Pontificado".

Ao bem-aventurado Pontífice da Eucaristia, protetor da Recoleção, hoje fulgurante nos esplendores dos Santos, dirigem-se os Recoletos, suplicando interceda por esta vinha evangélica que ele quis fazer entrar numa nova tase de dignidade e representação perante a Igreja.

A Recoleção, nos seus anais, conserva a memória de religiosos que sobremodo se distinguiram, ora na solidão dos claustros, ora nas fatigantes tarefas da catequese e vida missionária, ora na direção das almas escolhidas, ora no desempenho exemplar do magistério, ora na evangelização de países salvagens. No jardim da Recoleção despontam rosas rubicundas pela ardorosa caridade, brancas açucenas pela pureza, flexíveis girassóis pela apurada obediência, alvos jasmins pela singular inocência, humildes violetas pelo címentado desta virtude, cravos multicores pelo cúmulo de diversas virtudes.

Mencionemos o penitentíssimo segoviano, Frei Francisco Briones, de cuja mão brotou copioso jôtro de sangue, quando após dez anos de sepultado, desenterraram seu cadáver, que apareceu íntegro e fresco tal qual no dia em que o sepultaram. D. Frei Ezequiel Moreno do Rosário foi grande servo de Deus, infatigável apóstolo de Filipinas e da Colômbia, o dileto de Deus e dos homens. Sua beatificação se espera para breve.

Frei Miguel Bombau da Madre de Deus, saragoçano, morreu no Convento de Manila, vítima das feridas recebidas dos índios em Mariveles, que o atacaram e derrubaram a pedradas. Foi o primeiro mártir da Recoleção. Frei João da Madre de Deus, valisoletano, repreendendo em Mindanao, Filipinas, a um índio, por maus costumes, foi por este alanceado, vindo a falecer vinte e quatro horas depois. Bto. Francisco de Jesus, de Palência, depois de prolongada prisão e horríveis tormentos, foi queimado vivo em Nagasaki do Japão, aos 3 de setembro de 1632. Companheiro do Bto. Francisco no apostolado, na prisão e na morte a fogo lento, foi Bto. Vicente de Santo Antônio, natural de Albofeira, em Portugal.

Na última revolução de Filipinas contra Espanha sucumbiram ao puñal maçônico vários sacerdotes recoletos. Até vinte e sete se contaram. Caídos e fugitivos, ou errantes e naufragos, figuram nesta galeria de heróis.

No setor cultural se nos deparam recoletos dedicados ao cultivo das

ciências sagradas, quer dogmáticas, quer morais, místicas ou ascéticas. Sobre teologia josefina, a Ordem se ufana de quatro autores, em língua castelhana. Controversistas, autores de estudos filosóficos, biógrafos e hagiógrafos, gramáticos e novelistas formam uma pleiaide que nobilita a Recoleção Agostiniana. Ocorre ainda lembrar os pregadores recoletos, quase todos autores de obras de valor, pregadores reais, autores de catecismos, livros de devoção e doutrina, dicionários em zambal, tagalo, bisaya, calamiano, chamorro, cuyono, ilocatio, tagbanua, malanao, sáliva, guahivo, piapoco, japonês, chibcha, cuná-darienta, tunebo, achagua, eta, agutayno e inglês. Em todos os ramos do saber e das letras e artes, a Recoleção hispânica conta nomes ilustres em suas crônicas.

Atualmente a Recoleção consta de cinco Províncias: de São Nicolau de Tolentino; de Nossa Senhora da Candelária; de São Tomaz de Vilanova; de Santo Agostinho, e de São José. A Casa Geral da Ordem está em Roma na Via Sistina.

A Província de São Nicolau de Tolentino tem casas, na Espanha, Inglaterra, China, em Filipinas e no México.

A Província de Nossa Senhora da Candelária: na Espanha, Colômbia e no Panamá.

A de São Tomaz de Vilanova; na Espanha, Argentina e no Brasil.

A de Santo Agostinho: nos Estados Unidos, no México e na República Dominicana.

A mais nova, que é a Província de São José: na Espanha, Venezuela e no Perú.

Total de religiosos até 1950: mil oitocentos e vinte e cinco (1825)

São decorridos 1567 anos desde a fundação da Ordem Agostiniana por Santo Agostinho, na África; 367 desde a instituição da família recoleta; 44 desde a elevação da Recoleção à categoria de Ordem, na Igreja.

O Embo. Sr. Cardeal Protetor atual é, desde 1940, D. Alexandre Verde. O Revmo. Prior Geral: P. fr. Eugênio Ayape de Santo Agostinho.

* * *

No dia 29 de janeiro de 1899 embarcavam em Barcelona os quatorze primeiros recoletos rumo às plagas de Santa Cruz. Aqui aportaram no dia 19 de fevereiro. Nesse mesmo ano outros cinco grupos vieram. Tudo isso aconteceu por uma feliz coincidência de se encontrarem em Roma o procurador Geral da Ordem e D. Eduardo Duarte Silva, dd. Bispo de Goiás, que buscava missionários para sua vasta diocese.

Durante os 56 anos decorridos, os PP. Recoletos administraram 90 paróquias, assim distribuídas: Distrito Federal: 4; São Paulo 30; Minas Gerais: 17; Espírito Santo: 11; Pará: 12; Bahia: 16.

Além do ministério paroquial, os Recoletos também se dedicam às missões entre os índios. Duas Prelazias lhes estão confiadas: a de Lábrea e a de Marajó.

Prelazia de Lábrea — Está situada entre a Diocese de Manaus e o Acre, nas margens do caudaloso Purus, afluente da margem direita do Amazonas.

zonas. Sua estensão: 201.501 km². População: 51.000 habitantes, dentre os quais uns dez mil pertencem a tribos selvagens: Ipurinas, Jamamadis, Catukinas, Catauixis, Paumaris, Caiamidis, Cachararis, Jumas, Arararuás...

Criada em 1925 pela Bula *Imperscrutabili Dei Consilio* (1.^o de maio) pelo Papa de feliz recordação, Pio XI; confiada ao zélo dos recoletos da Província de São Tomaz de Vilanova, dela tomaram posse dois religiosos, no dia 17 de outubro de 1926. Frei Marcelo Calvo foi constituido primeiro Administrador Apostólico. Em 1932 era substituído por Frei Inácio Martínez, que contava 28 anos apenas. Consumido pelas febres, expirou ft. Inácio plácidamente, num barranco do Purus. Era o dia 16 de março de 1942. Para sucedê-lo a Santa Sé nomeou Frei José Alvares, elevado ao episcopado em 1947.

Prelazia de Marajó — Ocupa a parte norte da ilha do mesmo nome, numa área de 50.000 km² habitada por 110.000 almas. Foi criada por S. Santidade, Pio XI, pela Bula *Romanus Pontifex* (14 de abril de 1929). Entregue à Província de São Tomaz de Vilanova, foi seu primeiro Administrador Apostólico Frei Gregório Alonso, hoje Bispo-Titular de Pogla, que tomou posse no dia 19 de outubro daquele ano. A séde está em Soure, onde funciona auspiciosamente um Círculo Operário Católico desde 1947.

Atividades culturais — Ao pastoreio das almas, juntam os agostinianos recoletos a atividade cultural.

Em Ribeirão Preto (São Paulo) funcionou durante as duas primeiras décadas do corrente século o Externato Santo Agostinho. O edifício serviu depois para o Seminário Menor da Província.

Na cidade do Rio de Janeiro, no Leblon, está aberto desde 1945 o "Colégio Santo Agostinho". Funciona em dois períodos diários. — Cursos: primário, ginásial e científico.

Em Franca (São Paulo) publica-se o semanário "**O Aviso**" que conta mais de vinte anos de existência e já sustentou acirradas polêmicas em defesa da fé. Ainda em Franca é editada a revista mensal "**Mensageiro de Santa Rita**". Impresso em oficinas próprias, o Mensageiro amável tornou-se leitura amena para assinantes em todo Brasil.

Recente aquisição da Ordem é o Colégio "Santo Agostinho" de Muiqui, no Estado do Espírito Santo. É o maior internato do Estado e um dos mais bem localizados. Possui o melhor ambiente possível para o cultivo do espírito — recanto silencioso, água de serra e clima de montanha. Funcionam os cursos primário, ginásial, científico e normal.

P. Luiz Vazanda, O. R. S. A.

O CONCEITO DE PAZ E A VIDA RELIGIOSA

Sem paz não há verdadeira vida religiosa. Eis uma verdade, da qual todos os religiosos acham-se conscientes, mas cuja prática não é fácil, sendo muitas vezes causa de relaxamento e decadência.

Procuremos, portanto, fundamentados em Santo Tomás de Aquino, estabelecer o conceito de paz, sua divisão, raiz e consequências; a seguir, considerar a relação com a vida religiosa, decorrência lógica do que precede; finalmente, algumas aplicações práticas, tiradas das considerações anteriores.

* * *

Considerando o coração do homem em relação a seus semelhantes, quando as vontades de vários unem-se num mesmo consentimento ou opinião, dizemos que há concórdia. Considerado, porém, sómente em relação a si mesmo, o coração humano pode tender a diferentes objectos, e de duas maneiras. Primeira, segundo as diversas potências apetitivas; assim, por exemplo, o apetite sensitivo tende muitas vezes a um objecto contrário ao do apetite racional, e por isso já São Paulo lembrava aos gálatas (1) que a "carne tem desejos contrários aos do espírito". Segunda, na medida em que uma e a mesma força apetitiva tende a diversos objectos de apetição que não podem ser atingidos simultaneamente, o que provoca necessariamente um conflito entre os diversos movimentos apetitivos.

Ora, quando se realiza a união de todos esses movimentos ou tendências apetitivas, diz-se que há paz, pois o coração humano não fica em paz enquanto não possui os objectos desejados. E aqui convém notar a grande diferença entre o conceito de paz e o de concórdia: esta exige apenas união nas opiniões e no consentimento entre as vontades de pessoas diversas. Com efeito, se um homem concorda com outro, coagido pelo temor de algum mal iminente, e, portanto, de modo não espontâneo, tal concórdia não é verdadeira paz; pois assim não há uma ordem entre ambos; pelo contrário, a ordem entre ambos é perturbada por aquilo ou aquêle que incute o temor. Por isso dizia Santo Agostinho que "a paz é a tranquilidade da ordem" (2), e Dionísio que a paz é elemento de união para todas as coisas e operadora de consonância de opiniões" (3).

1) — Gal 5, 17.

2) — De Civitate Dei, liv. 19, cap. 13.

3) — De Divinis Nomibus, cap. 11, in prmc.

Ora, como todo ser dotado de apetição tende tranquila e desimpedidamente a atingir aquilo que deseja, a paz importa a união não só entre apetite intelectual ou racional e o animal, capazes de um mútuo consentimento, mas também a união entre eles e o apetite natural, pelo que o mesmo Dionísio já dizia que "a paz é operadora de concordância e consonância natural", entendendo por concordância à união de todos os apetites procedentes do conhecimento, e por consonância natural a união de todos os apetites naturais.

Estamos assim em face da grande amplidão do conceito de paz, conforme o estabelece o Doutor Angélico, apoiado nos Padres da Igreja.

* * *

Deste conceito decorrem lógicamente os diversos tipos de paz. Antes de tudo, a paz pode ser verdadeira ou aparente, na medida em que o objecto da apetição é um bem absoluto ou um bem aparente. Com efeito, tudo o que emau pode satisfazer a apetição, na medida em que se apresenta, sob certos aspectos, como bom, e por isso já diz o Livro da Sabedoria: "Vivendo nesta terrível guerra que é a ignorância, chamavam paz a tais males" (5), referindo-se ao culto idolátrico dos judeus.

Entretanto se a paz verdadeira não diz respeito senão ao que é bom, ela pode ainda ser dupla, na proporção em que há um duplo bem, o perfeito e o imperfeito. E assim temos primeiramente a paz perfeita, que consiste na fruição perfeita do Sumo Bem, na qual todas as apetições se unem, simultaneamente saciadas; e diz Santo Tomás, fazendo uma acomodação escriturística, que este é o fim último da criatura racional, em conformidade com o salmista: "Pôs a paz nas tuas fronteiras" (6). Temos a seguir a paz imperfeita, atingível neste mundo, na qual, embora o principal movimento da alma descanse em Deus, há repugnâncias internas e externas causadoras de perturbações.

* * *

Conclui-se, pois, que ao conceito de paz pertence essa dupla união

4) — Loc. cit.

5) — Sab. 14, 23.

6) — Sl. 147, 14.

apetitiva, segundo a ordenação dos próprios apetites a um só objecto, e segundo a consonância dos próprios apetites com os de outrem. A causa eficiente dessa dupla união é a Caridade. Com efeito, considerando-se a primeira dessas uniões, vê-se que é segundo ela que Deus é amado de todo o coração, de todas as forças, de toda a alma, uma vez que tudo referimos a Ele como objecto único de nossos desejos. Considerando-se, porém, a segunda, vemos que é o fundamento do amor ao próximo como a nós mesmos; explica a razão pela qual um homem quer satisfazer à vontade do próximo como à sua própria; temos, então, a "identidade de escolha", que fazia dizer a Cícero: "Um só é o querer e o não querer dos amigos". (7).

Logo, a paz é um efeito próprio da Caridade. E precisando com Santo Tomás diremos ainda "que a paz é indiretamente um ofício de justiça, enquanto procura afastar impedimentos, mas é diretamente um ofício caridade, porque a caridade causa a paz, segundo o conceito que lhe é próprio, pois o amor é força unitiva, como diz Dionísio". (8).

Ao final destas considerações, concluimos não ser a paz uma virtude especial, mas acto ou efeito da virtude da caridade, seu efeito próprio; pelo que é colocada entre as bensaventuranças (9), que são actos das virtudes perfeitas, ou então, entre os frutos do Espírito Santo, enquanto é um bem terminal possuidor de docura espiritual (10).

* * *

Tratando desse aspecto da paz como efeito da caridade, Santo Tomás dá-nos a chave para uma apreciação das relações entre a paz e a vida religiosa. Leia-se o artigo 3, da questão 29, da 2.^a 2ae.

De facto, na resposta a uma objecção do artigo correspondente a este assunto, Santo Tomás tem palavras de um valor imenso para os que vivem a vida em comum, ou melhor, para os que vivem em comum a sua vida de perfeição. Consequência admirável. Assim, o Filósofo diz que não faz parte necessária da amizade a concórdia nas opiniões, mas a concórdia nos bens relativos à vida, sobretudo quanto às questões de maior monta — porque, diz ele, discordar em coisas pequenas quase parece não ser discórdia. Por isso nada impede a introdução de uma discordância entre pessoas possuidoras

7) — *De Amicitia, ante medium.*

8) — *De Divinis Nominibus, cap. 4, part. 2, lect. 9.*

9) — *Of. 1.^a 2ae, q 69, a 1, a 3.*

10) — *Gal 5, 22.*

de caridade. E isto não repugna à paz, porque as opiniões pertencem ao intelecto, que precede o apetite, o qual, por sua vez, adquire unidade mediante a paz.

Semelhantemente, se existir concórdia quanto aos principais bens, a discordia quanto aos bens menores não é contra a caridade, pois provém da diversidade das opiniões, na medida em que um julga pertencer ao bem comum a si e a outrem, uma coisa que este julga não pertencer. Tal discordia nas coisas mínimas repugna, sem dúvida, à paz perfeita, na qual a verdade reconhecida em toda a plenitude e todo desejo é satisfeito, mas não repugna à paz imperfeita, possuída nesta vida.

Uma segunda verdade, e não menos importante para a vida em comum, é a que se encontra no artigo 4.^º da questão já citada¹¹⁾. Como a paz é causada pela caridade enquanto amor de Deus e do próximo, ela é efeito próprio (11) da "caridade"; é o mesmo que se passa com a alegria ou gáudio. E aqui encontramos a razão pela qual tantas vezes o Cristo recomendou a seus discípulos tivessem paz entre si e a comunicassem aos outros. E, notemos, estes votos de paz abundam sobretudo nas aparições que se sucederam à Páscoa, prova máxima do amor do Cristo por nós.

Assim pois, dá-se um preceito de paz, na medida em que esta é um acto de caridade e, por isso mesmo, um acto meritório.

* * *

Vejamos agora, de modo prático, de que maneira pode a paz aparecer na vida religiosa. E consideremos a questão primeiramente sob o ponto de vista individual e a seguir sob o ponto de vista comunitário.

Podemos dizer que entre indivíduos a paz origina-se quando são observadas a justiça, a temperança e a fortaleza, para não falarmos de outras virtudes relacionadas com a paz e para não nos estendermos muito além das fronteiras de um esboço como este.

A primeira, em geral tão esquecida, é a justiça estrita, respeitadora dos direitos estritos de cada pessoa. "Há, com efeito, direitos que se conservam intactos na comunidade; não sómente o direito à vida, mas ainda o direito àquilo que torna possível uma vida social, a saber, o direito à reputação — calúnias, maledicências, delações falsas são faltas que pedem

11) — Traduzimos "actus" por efeito, porque esta tradução nos parece mais conforme com a verdade dos conceitos e com o pensamento do Doutor Angélico.

reparação (adiante, ao tratarmos da temperança, dedicaremos palavras especiais sobre os males provocados pela língua). Todo ente humano possui, além disso, direito estrito a um mínimo de consideração por parte de seus semelhantes: existe, com efeito, uma igualdade fundamental entre os homens, apesar das inevitáveis desigualdades; essa igualdade fundamenta a sua independência mútua e gera o dever estrito para todos de respeitar em todos a dignidade fundamental da pessoa humana; faltar à consideração por caçoadas, atitudes, silêncios cheios de desprezo, é violação de um direito estrito e exige satisfação" (12). Prática sumamente importante dessa consideração é a do respeito para com a opinião alheia; procurar compreendê-la, descobrir o seu lado bom e útil, tomá-la para si total ou parcialmente, demonstrar ao irmão essa apreciação eficaz, e fazer tudo isso com a máxima sinceridade, com real interesse: eis um fator altamente unitivo na vida religiosa (13). Na mesma linha encontra-se a crítica construtiva; note-se, aliás, o perigo de uma crítica pública: seria demonstrar diante de todos uma divergência de opiniões, seria acentuar um ponto de discordia. Sempre que possível, pois, façam-se as correções em particular. Não nos fujam da memória as palavras de São Tiago: "O fruto da justiça é semeado em paz por aqueles que praticam a paz" (14).

Outro fator de paz é a temperança no falar, no julgar, no externar a própria opinião. E' o que melhor chamariamos discreção, virtude tão recomendada na Regra de São Bento. Interpretar sempre bem as atitudes alheias, quando singulares, julgá-las alvo de uma licença especial; jamais estabelecer entre dois irmãos de hábito comparações relativas à perfeição na santidade; na presença de ambos, o que poderia ser ocasião de discordia, ou, o que é pior, de inveja, vício tão detestável, sobre tudo entre irmãos que devem estar cimentados pela caridade fraterna, unidos no mesmo ideal de santidade e de votos. No mesmo sentido, evite-se a demonstração de uma oposição formal às maneiras de ver de um confrade (e se isto nem sempre for possível interiormente, pelo menos jamais seja externado), o que tem sido causa de tantos desentendimentos e desavenças na vida em comunidade. Enfim, para não enumerarmos tantos outros exemplos que poderiam ocorrer em qualquer Casa Religiosa, lembremos as palavras tão veementes de São Tiago sobre

(12) — Lottin, Odón, Dom OSB, "Considerations sur l'état religieux et la vie bénédictine" — Mont César 1946 — p 46 ss.

(13) — Encarada pelo lado interior da humildade, esta atitude apresenta aspectos de incomparável sublimidade e perfeição.

(14) — Tg 3,18.

os males que a língua pode causar: "Se alguém não peca por palavra, é homem perfeito, capaz também de dominar todo o corpo. Com efeito, quando pomos o freio na boca dos cavalos, para que nos obedeçam, também governamos todo o seu corpo. Vede as náus; ainda que grandes e agitadas por impetuosos ventos, com um pequeno leme se voltam para onde quiser o impulso do que as governa. Assim também a língua; é pequeno membro, mas gloria-se de grandes coisas. Vede quão pouco é o fogo que incendeia toda uma floresta. Também a língua é um fogo, um mundo de iniquidade. A língua está entre os nossos membros, inflama a roda de nossa vida ("géneseos"), sendo ela mesma inflamada pelo inferno. Porque todas as espécies de alimárias, aves, répteis e outros animais domam-se, e o não cessam de ser por parte dos homens; mas a língua, nenhum homem a pode domar: mar agitado, está sempre cheia de veneno mortífero. Com ela bendizemos a Deus Pai, e com ela amaldiçoamos os homens, que foram feitos à semelhança de Deus. Da mesma boca procede a bênção e a maldição. Não convém, meus irmãos, que isto seja assim" (15). O mesmo apóstolo diz mais adiante: "Irmãos, não digais mal uns dos outros. O que diz mal de seu irmão ou o que julga seu irmão, diz mal da lei (evangélica, ordenadora da caridade), e julga a lei" (16). Assim pois, do mesmo modo que a temperança, através do jejum e a abstinência, é tão salutar ao corpo, dando-lhe um excelente equilíbrio fisiológico, assim também para a união dos membros do Corpo Místico de Jesus Cristo, por cujo sangue derramado na Cruz aprovou a Deus estabelecer a paz em todas as coisas, como diz São Paulo (17).

Na realização concreta da paz desempenha ainda importante papel a fortaleza. Como custa às vezes ver nos irmãos o próprio Cristo, sobretudo quando se trata de aceitar seus conselhos, pedidos ou não! E' necessária uma grande força interior para não retrucar, para não dar a demonstrar o desagrado, para não lançar mão do esquivo. No entanto devemos ver em cada irmão o próprio Jesus Cristo, e em suas palavras as palavras do Cristo. Eis o fruto daquela "sabedoria que vem do alto, primeiramente pura, depois pacífica, modesta, condescendente, que cede aos (conselhos dos) bons, que escheia de misericórdia e de bons frutos, que não critica, que não é dissimulada" (18). E' a fortaleza que nos fará reparar, com toda a nobreza e pacificidade, a justiça quebrada ou ofendida, é ela que nos fará pronunciar com

(15) — Tg 3,2-10.

(16) — Tg 4,11.

(17) — Col 1,19s.

(18) — Tg 3,17.

verdade as palavras de uma reparação, de uma satisfação ou de uma desculpa. Enfim, múltiplos matizes poderíamos apontar da vida em comum nos quais a raiz da paz age mediante a fortaleza. A paz nas ocasiões difíceis nos perigos, na impaciência, nas contradições na inveja, se por um lado é sempre o efeito próprio da caridade, por outro lado exige uma grande energia, um grande domínio de si mesmo, efeitos próprios da virtude da fortaleza.

Se a prática dessas virtudes exigidas pela paz, tornam a criatura cada vez mais pacífica em si mesma, corroboram a intensificação da paz na vida em comum; e a caridade aumentando, difunde-se cada vez mais, penetrando de Deus todo o conserto dos membros. E para o indivíduo, a caridade, inicialmente afetiva, torna-se cada vez mais efetiva e generosa, tomando pelo espírito pacífico de sacrifício, o primeiro lugar na alma. É a paz em si e a transmissão da mesma aos outros, dupla face de uma mesma folha.

* * *

Um dos pontos em que mais sensivelmente aparece a paz de que goza uma comunidade religiosa é a recitação do Ofício Divino. Como diz o Rev. Pe. Garrigou - Lagrange O. P., "a salmodia deve ser para aqueles que têm a grande honra de participar dela, uma escola admirável de contemplação, de oblação de si mesmo, de santidade. Mas, para produzir estes frutos abundantes, a salmodia deve conservar aquilo que pertence à sua essência mesma; deve ter não sómente um corpo bem organizado segundo regras harmoniosas, mas uma alma; e se deixa de ser a grande oração contemplativa, perde pouco sua alma, e em vez de ser um impulso, uma elevação a Deus e um repouso, torna-se peso, fadiga e não mais produz grandes frutos" (19). O mesmo autor nos fala a seguir de uma salmodia deformada, nociva à paz, e de uma salmodia contemplativa ou pacífica. A primeira, que infelizmente encontramos tão a miude, é precipitada e mecânica; palavras mal pronunciadas, sem ritmo e sem métrica, acentuação exagerada de certas sílabas; se as antifonas são ditas de modo ininteligível, os hinos ainda mais; "as lições não pontuadas como deveriam ser, são lidas como se leriam as coisas mais indiferentes ou mais cacetes", e no entanto trata-se dos esplendores da Sabedoria Divina! Como é possível a paz necessária para a oração contemplativa, quando as palavras divinas são assim pronunciadas? Se cada um recita como quer ou como acha melhor, sem observar as regras dadas pelos especialistas no gre-

19) — Garrigou - Lagrange, Reginald, R. P., O. P., "Les trois âges de la intérieur", t. 1, Paris, p 693 ss.

goriano (20), surgem desencontros, atrasos, adiantamentos, ou então, alguns silenciam, procurando num último esforço, a refeição espiritual de suas almas. É doloroso que se tenha de silenciar durante a oração litúrgica em comum, afim de poder encontrar-se o reparo espiritual que, nos unindo a todo o Corpo Místico de Jesus Cristo, nos proporciona tão profunda união a Deus.

Mas para não nos atermos à crítica e ao aspecto negativo, citemos algumas frases do teólogo dominicano sobre a salmodia contemplativa, que é toda paz e indício de paz. "O que a distingue é precisamente o espírito de oração, ou, pelo menos, a aspiração que nos conduz a Ele, que o deseja e acaba por encontrar. Ela sómente pode dar-nos a paz. Nela encontramos a vida profunda, que não necessita lembrar-se continuamente das regras litúrgicas, porque estas não são senão a expressão de suas inclinações íntimas. Ao pronunciar as palavras, é evitada a expressão de uma piedade pessoal, e se comprehende de modo claro o sentido objectivo da Escritura explicada pelos Padres. Não se procura mais ganhar quatro ou cinco minutos, deixa-se de perder o mais precioso tempo que Deus concede, é-se mesmo levado a prolongar a oração, como os antigos religiosos, que, à noite, após as Matinas e as Laudes, demoravam-se algum tempo num profundo recolhimento interior. Mesmo nas horas dolorosas goza-se sem esforço a poesia admirável dos salmos, encontra-se luz, repouso, força, renovação de todas as energias. A alma queima e se consome santamente nessa paz. Esta oração atrai boas vocações, enquanto a deformada ou materializada as afasta. Quando se ouve a grande oração contemplativa de certos claustros sente-se a verdadeira vida da Igreja" (21). Preparação e fruto da Santa Missa, "a salmodia assim entendida é o repouso santo de que as almas têm necessidade após todas

20) — Notemos aqui a grande necessidade de cursos de canto gregoriano ministrados por pessoas realmente enfrontadas em matéria tão delicada e útil. Os conventos e mosteiros do Brasil ainda têm muito por fazer neste sentido, embora existam já exemplos verdadeiramente consoladores de Comunidades que se esforçam por uma perfeição sempre maior neste setor, bem como livros que podem orientar qualquer pessoa que tenha boa vontade.

21) — Chant à la foi simple et splendide qui précéde et qui suit les paroles sublimes de l'Epoux: la Consécration eucharistique. Celà fait oublier toutes les tristesses d'ici bas, toutes les complications plus ou moins mensongères et toutes les corvées imposées par les conventions humaines. Plaise à Dieu que cette psalmodie reste toujours ainsi bien vivante, de jour et de nuit, dans les couvents. On remarque que, lorsquelle cesse là nuit là où elle devrait durer, le Seigneur suscite pour la remplacer l'adoration nocturne, car la prière de nuit, à la raison du silence profond où tout est plongé et pour beaucoup d'autres raisons, a des grâces de contemplation spéciales: "Oportet semper orare" (Garrigou - Lagrange, loc. cit. p 800).

as fadigas, agitações e complicações do mundo, repouso em Deus, repouso cheio de vida, que se assemelha ao de Deus, o qual possui sua vida interminável, "tota simul", toda ao mesmo tempo, no instante único que jamais passa, simultaneamente Ação Suprema e Supremo Repouso, "quies in bono amato".

Essa paz da comunidade, sendo um bem, deve expandir-se. Temos então um aspecto mais amplo da paz na vida religiosa. As relações entre as Ordens Religiosas.

Qualquer que seja a nossa Ordem, não nos esqueçamos das delicadezas e, até mesmo, das exigências elementares da caridade fraterna entre as Ordens e Institutos Religiosos, estabelecendo entre todos a paz. Há muito a fazer na Igreja e as Ordens e Congregações, por mais numerosas e prósperas que sejam, estão ainda longe de corresponder às tarefas apostólicas a que se dedicam; o zelo de seus membros, por mais ardente e eficaz que possa ser, não atinge senão um ráio de ação muito limitado; cada membro de cada Ordem não pode deixar de se rejubilar com o sucesso de todos os outros e desejar ainda muito mais. Falta escandalosa de caridade, tolice imperdoável seria qualquer atitude significadora de rivalidade, inveja ou ciúme neste setor. Sobretudo por se tratar de pessoas que vivem num estado de perfeição. As controvérsias teológicas outrora dividiram. E se não foram encerradas até hoje, a caridade entretanto exige a paz nas discussões que porventura ainda advenham: nobreza, respeito pelo pensamento e opinião alheia. Que nenhuma Ordem tenha a pretensão de identificar sua causa particular com a da Igreja. Que nenhuma Ordem procure suplantar outra ou queira fazer, no lugar desta, uma obra já empreendida e levada em bom andamento. Naturalmente os religiosos devem amar antes de tudo a sua própria Ordem, mas devemos guardas-nos do orgulho coletivo, da pretensão exclusivista. A humildade deve convir não sómente aos indivíduos, mas também às coletividades. Afirmar exageradamente e de modo exclusivo o seu Mosteiro ou Convento é introduzir um motivo de discordia na paz que deve reinar entre as Ordens e que consiste no encadeamento perfeito de todas as finalidades particulares a fim de atingirem o fim último que é Deus.

As comunidades religiosas têm, em geral, a sua vida centrada na Santa Missa, ponto culminante do dia do cristão católico. Esta centralização é ainda mais acentuada nas Ordens de caráter mais contemplativo; nelas, a Missa Conventual é verdadeiramente de modo esplêndido o momento por excelência da vida comunitária, o momento mais intenso de paz. E como não o haveria de ser, se a própria paz está sobre o altar: o Cristo é a Paz (22).

Não poderíamos, pois, deixar de encontrar nela a idéia da paz. E se esta se encontra na Missa para utilidade de todos os fiéis, com muito maior fazão para a dos que vivem em comum.

Eis, pois, de que maneira Deus põe-nos diariamente em face da idéia de paz; faz-nos vivê-la de modo inefável e máximo quando participamos da Santa Missa pela Comunhão unindo-nos ao Cristo e a todos os membros do Seu Corpo Místico que simultaneamente a Ele se unem. Modo sem igual para fazermos actos de paz e de união com o Cristo e com nossos irmãos. "Sacramento da unidade eclesiástica" (23), "o corpo eucarístico do Cristo é a vida, a força e o liame de seu Corpo Místico, e comungar em um é comungar no outro" (24). "Fonte e alimento da paz interior, apôio da paz social, a Eucaristia é também o penhor da Paz de eternidade, em que toda dissonância interior, toda discordia social terão desparecido para sempre, quando a ordem, a harmonia, o equilíbrio reinarão perpétuamente na vida perfeita. (25).

Isto não é uma simples digressão piedosa. Tomemos o Missal. Examinemos. Quantos textos da Missa nos falam da paz. E' a repetição das palavras proferidas antes da Paixão, no capítulo 14 de Evangelho de São João; e a repetição das saudações aos discípulos após a Ressurreição. E se estas são também a saudação costumeira dos judeus, não podem deixar de refletir o sentido profundo daquelas: o Cristo saudava-os, mas lhes desejava também a sua paz, "a paz que lhes deixa, a paz que lhes dera" (26). Assim, se já a primeira Comunidade religiosa cristã, a dos apóstolos, recebia do Mestre a exortação e o dom da paz, as nossas, relembrando esse fato, recebem a mesma exortação e o mesmo dom a cada Missa. "Que a paz de Deus exulte em vossos corações!" (27). Como o Cristo, "eles estavam em paz com Deus, que Ele lhes ensinava a amar, em paz consigo mesmos, porque Sua voz acalmava suas desinteligências. Eis a paz que Ele lhes deixa, a Sua paz, pela assistência que lhes prometeu. E' portanto graças a esta paz, de que Jesus é a fonte, que poderão reconhecer a Sua presença no meio deles. E Jesus lhes falava, como nos fala diariamente na Santa Missa, de uma paz fundada sobre o auxílio divino, e que faz frente à guerra (28):

(23) — Suma Teológica, 3.º, q 73, a 2.

(24) — Dom Simon, Revue Thomiste, 1912, p 603.

(25) — Van Houtryve, Idesbald, Dom, OSB — QLP (1926) 215.

(26) — Primeira oração das três que o sacerdote reza na Missa, antes da comunhão.

(27) —

(28) — Lagrange, Marie - Joseph, R. P., O. P., "Evangile selon Saint Jean" — Paris, 1925, p 293.

Em cada Missa, pois, "procuremos a paz e à sigamos a fim de possuirmos a vida verdadeira e perpétua", como canta o salmista (29), e o repete São Bento, dirigindo-se aquele que deseja ser operário do Cristo nas oficinas de um mosteiro. (30).

* * *

Se procurarmos viver sempre a paz em nossa vida religiosa, terão plena realização em nossas comunidades as palavras de São Paulo:

"Jesus Cristo é a nossa paz, ele que, de dois povos fez um só, destruindo a parede intermédia de separação, a inimizade. Em sua própria carne aboliu a lei antiga com as suas prescrições, para formar em si mesmo dos dois, um só homem novo, fazendo a paz, e para os reconciliar a ambos num só corpo com Deus, destruindo por meio da cruz a inimizade em si mesmo. E assim veiu anunciar a paz a vós, que estavais longe, e a paz aos que estavam perto; porquanto é por ele que uns e outros temos acesso ao Pai, mediante um mesmo Espírito. Vós, pois, já não sois hóspedes, nem estranhos, mas sois concidadãos dos santos e membros da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos Apóstolos e dos profetas, sendo o mesmo Jesus Cristo a principal pedra angular, sobre o qual todo edifício bem ordenado se levanta para ser um templo santo no Senhor, sobre o qual vós sois também juntamente edificados para morada de Deus mediante o Espírito" (31).

D. Bernardo Botelho Nunes O.S.B.
Monge do Mosteiro de Nossa Senhora da Assunção — São Paulo.

29) — Sal 33, 14 s.

30) — Santa Regra, prólogo

31) — Ef 2,14-22.

ATIVIDADES DO DEPARTAMENTO DE CATECISMO EM 1954.

As atividades do Departamento de Catecismo começaram em Fevereiro de 1954, por ocasião do Congresso dos Religiosos, com uma exposição de material catequético. Desde então, dado o interesse despertado, a exposição continuou em caráter permanente. Seu objetivo é proporcionar um ensinamento bíblico pela imagem, e, atendendo ao desenvolvimento deste ensino, variou-se, diversas vezes, sua apresentação, oferecendo cada vez, durante o ano, um material novo.

Esta exposição tem anexa uma Secção de Vendas, franqueada a todos, com o objetivo de proporcionar aos catequistas o material necessário a um ensino religioso adaptado ao tempo atual, tornando possível a solução de problemas, esclarecendo questões sociais, etc. No espaço de um ano, esta Secção encaminhou mais de 2.000 livros, inclusive 200 Missais. A venda de estampas e quadros litúrgicos indica também uma progressão, lenta, porém continua, da educação do gosto e senso artístico neste particular.

O Departamento possui uma biblioteca de 4.500 volumes, provenientes de 215 editoras diversas de material catequético, com as quais está em articulação. Enviou mais de 2.000 cartas e 500 circulares.

Em Julho de 1954 deu início ao Curso de Preparação de Catequistas. 72 alunas, religiosas e leigas, das quais 60 de frequência regular. Encerrou-se este curso a 25 de Janeiro, com uma solenidade presidida pelo Revmo. Dom Martinho Michler, presidente da Conferência, além de uma celebração litúrgica, em vernáculo, de sabor novo, muito apreciada pelos participantes.

O curso já reiniciou suas aulas em 1955, em Março, e agora com duas secções: uma escolar, outra paroquial, procurando mostrar às Superioras a necessidade da formação dogmática, moral e didática das religiosas catequistas.

O Departamento se encarrega da difusão de revistas, nacionais ou não, de interesse catequético. É o representante, para o Brasil, da "Lumen Vitae".

E' também um órgão de esclarecimento, em contacto permanente com numerosos Exmos. Senhores Bispos e Sacerdotes, desejosos de modernizar a pastoral catequética.

O Departamento planeja extender suas atividades. Entre outras, deseja

A PALAVRA DO SENHOR NUNCIO APOSTÓLICO

S. Excia. Revma. o Sr. Dom Armando Lombardi, encerrando a homenagem que os Religiosos lhe prestaram no Rio de Janeiro, a 27 de Março de 1955, pronunciou o seguinte discurso, que nossa Revista publica, com expressões de gratidão a S. Excia. Revma. pela benevolência paterna com que acompanha o desenvolvimento da Conferência.

"Com profunda satisfação acabo de assistir a esta manifestação de homenagem, com que a Conferência dos Religiosos do Brasil quis tributar, seus respectivos ao novo representante do Santo Padre no Brasil.

"E experimento agora a necessidade de dizer a esta distinta Assembléia uma palavra de agradecimento, de complacência e de exortação.

"Uma palavra de agradecimento aos promotores desta bela solenidade, e a quantos colaboraram para esta manifestação de arte, de arte musical sobretudo. A música, a verdadeira música, aquela que merece este nome, nobilita o espírito, afina a sensibilidade, e, quando bem compreendida, nos eleva, ela também, até Deus.

"Sinto, depois, a necessidade premente de dizer uma palavra de agrado e agradecimento aos dirigentes da Conferência dos Religiosos do Brasil, e em particular, ao Secretário Geral da mesma, o Reymo. Padre Irineu Leopoldino de Sousa.

"Já tive oportunidade de visitar, privadamente, o Secretário da Conferência, e de manifestar minha satisfação pela sua perfeita organização e eficiência. Hoje, porém, me é dado exprimir, publicamente, minha satisfação pelo bem que a Conferência dos Religiosos tem feito no Brasil, durante o seu primeiro ano de existência.

"Parece-me que ela corresponde bem às finalidades pelas quais foi querida pela Santa Sé: unir todas as Ordens e Congregações Religiosas, masculinas e femininas, para se compreenderem melhor, para se ajudarem mútuamente, para integrarem a própria atididade num palmo comum de trabalho, a fim de valorizarem ao máximo a própria atividade ao serviço da Igreja no Brasil.

"Devo congratular-me de modo particularíssimo, com os Religiosos e Religiosas que seguiram o curso especial de Estatística, da Escola Nacional de Ciências Estatísticas.

criar, no Distrito Federal, um serviço de empréstimo de livros e quadros catequéticos e litúrgicos, bem como um serviço de informação bibliográfica para aqueles que desejam uma documentação útil, interessante e atualizada.

Enfim, o Departamento quer estar a serviço dos Religiosos, e por eles, da Igreja, ajudando, de maneira eficaz, de acordo com as autoridades eclesiásticas competentes, para se alcançar um ensino do catecismo adaptado às necessidades da juventude moderna.

O Santo Padre já chamou tantas vezes a atenção dos Bispos e do Clero em Geral, sobre a grande importância e o valor que tem a Estatística aplicada à Sociologia e Geografia religiosa, e à própria Teologia pastoral. Ainda há poucos dias, falando aos padres e pregadores da Quaresma de Roma, o Santo Padre recomendava o recurso ao auxílio da ciência estatística, para identificar bem as necessidades no campo religioso, sem cair na superficialidade, e para calcular bem as nossas forças, a fim de coordená-las de modo sabiamente.

"A Nunciatura Apostólica no Brasil, à qual incumbe o dever de vigiar sobre a situação religiosa deste imenso país, faz votos de poder em breve dispor de acurados estudos de estatísticas religiosas, quer pelo Secretário Geral da Conferência Nacional dos Bispos, quer pelo Departamento de Estatística da Conferência dos Religiosos. A Nunciatura agradece desde já, a todos aqueles que colaborarem numa obra de tanta importância para o desenvolvimento do apostolado católico no Brasil.

Valendo-me enfim destá circunstância, desejo dirigir uma palavra de exortação, endereçada sobretudo aos Superiores Religiosos, a quem quero encorajar a prosseguir no duplo trabalho tão repetida e vivamente recomendado pelo Santo Padre e pela Sagrada Congregação dos Religiosos.

"Antes de mais nada, o trabalho de atualização, no sentido explicado por Sua Santidade Pio XII, que ajunta:

"Atualização dos métodos, usos e costumes, que se devem adaptar às exigências dos tempos modernos, permanecendo imutável tudo aquilo que é essencial à vida religiosa e característico de todo apostolado"

"Li, nestes últimos dias, na revista "Sponsa Christi", de Petrópolis, um artigo sobre a atualização da vida religiosa, que me parece corresponde bem ao pensamento da Santa Sé sobre tal assunto.

"Tomo enfim a liberdade de exortar os Religiosos e as Religiosas a intensificarem seu trabalho no Campo Social é de tal domínio que parte hoje contra a Igreja a mais formidável e perigosa ofensiva de que a história tem lembrança. Não é este o lugar nem o momento para me estender sobre tal matéria.

Desejaria, porém, acrescentar um pedido que me sai do fundo do coração: o pedido para que Religiosos e Religiosas acorram, mesmo com sacrifício, aos lugares mais abandonados e onde as necessidades são mais urgentes.

"Estudando a situação religiosa das diversas zonas do país, notei, por exemplo, como numa pequena diocese do Sul, junto a 40 sacerdotes seculares, se acham 76 sacerdotes religiosos, 54 religiosos leigos, e 320 religiosas, enquanto numa diocese do Nordeste, do país, com um número de habitantes quase igual e uma superfície quatro vezes maior, junto a 11 sacerdotes seculares, não há um só religioso, nem um ao menos... E as almas daquela pobre diocese são também chamadas à luz da Verdade e à vida da Graça.

"Mas na boa vontade que anima hoje os religiosos e as religiosas do Brasil, eu vejo um penhor seguro de um porvir melhor para a Igreja Católica neste grande e nobre país.

"Com esta esperança e com estes votos ardentes do meu coração, eu renovo os meus agradecimentos, e a todos abençoio efusivamente".

O XXXVI CONGRESSO EUCARISTICO INTERNACIONAL

De todo canto, vinde, correi.

O XXXVI C. E. I. é sem dúvida o ponto alto nas crônicas da Igreja Católica, neste ano de 1955. Enquanto por outras plagas o ódio vem congregando os filhos da ira para empreendimentos de destruição e de morte, às margens da formosa Guanabara o amor congregou os filhos de Deus, vindos de todos os quadrantes da terra, para a mesa do Rei Eucarístico. O Brasil se movimentou, de um extremo a outro, vibrando de entusiasmo, agradecido pela escolha de sua terra para sede do magno certame. A preparação esmerada e diuturna, cujas energias vinham constantemente, para todos, da visão de um grande triunfo de Jesus Hóstia, seguiu-se a estupenda realização do Congresso, superando todas as expectativas.

O zélo apostólico de S. Eminência o Sr. Cadial Dom Jaime de Barros Câmara, e o espírito idealizador de seu primeiro auxiliar, S. Excia. Revma o Sr. Dom Helder Câmara, foram as pedras angulares em que se alicerçou a organização. O Secretariado, principiando, há dois anos atrás, numa pequena sala do Palácio São Joaquim, onde despachava Dom Helder, foi extravasando para os salões vizinhos, e acabou por ocupar também os corredores do palácio da Rua da Glória. Distribuiram-se os encargos pelas várias comissões incumbidas de resolver, desde os problemas incudos de um sabonete para hospedagem dos peregrinos, aos problemas do serviço litúrgico do altar-mônumento, até o financiamento geral do grande movimento de fé.

Em todos os preparativos, como no desenrolar-se das solenidades, foi cordial e eficiente o apóio dos poderes públicos. A Municipalidade e o Governo da União; as duas Casas do Congresso, as Forças Armadas, e a Magistratura: ninguém fugiu às responsabilidades e consequências da fé cristã de nosso povo católico, nesta hora em que peregrinos do mundo inteiro vieram cantar conosco o Hino de louvor à Eucaristia. A Nação se identificou com o Povo, não apenas em solidariedade de palavras e discursos, mas de fatos, colaborando e pondo seus recursos, de pessoal e de técnica, a serviço da grande jornada eucarística. E o povo soube vibrar de entusiasmo, agradecido por esta compreensão de seus altos dirigentes, quando aplaudiu na grande praça do Congresso, os seus dois principais realizadores: o prefeito Alim Peáro e o engenheiro Pinheiro Guedes.

Mais de uma semana antes da abertura oficial, já o Rio vivia plenamente atmosfera de Congresso. O movimento das ruas era mais intenso. A fisionomia de muitos transeuntes era diferente, e se ouviam a todo momento sons de línguas estrangeiras. Reconhecia-se os peregrinos, mesmo quando não ostentavam o distintivo ou a flâmula de congressista.

Ao lado dos estrangeiros, também os nossos irmãos, vindos dos recantos mais distantes da imensa terra de Santa Cruz. Não houve trem, ônibus ou avião, que não desembarcasse dezenas ou centenas de peregrinos, a toda hora. No domingo do encerramento a rodovia Dutra viu desfilar um verdadeiro cortejo de autos e ônibus. Todos vinham para a procissão triunfal, para a bênção, e para ouvir a mensagem de Pio XII.

A praça do Congresso

No dia 16 de Julho, o prefeito Alini Pedro entregou a S. Emilia Revma. o Sr. Dom Jaime de Barros Câmara, a grande praça. Tudo estava pronto para o início do Congresso. 300.000 pessoas poderiam assistir, sentadas, os atos religiosos. Além do recinto, para ambos os lados, estendia-se ainda a Avenida Beira Mar, e na direção sul, a Praça Paris. Os possantes conjuntos de refletores, instalados pela Philips do Brasil S. A., cintaram de luz o grande anfiteatro, e seus alto-falantes levaram a voz dos oradores e a prece dos pontífices, do altar-monumento, pela praça em fóra, pelas adjacências, e ao longo da Avenida Rio Branco, até a Praça Mauá. Encostado ao mar — quase como se as ondas mansas da Guanabara, em branca espuma, viessem beijar os pés do Divino Mestre no trono eucarístico — erguia-se o altar-monumento, marcado pela enorme vela, amarelo e branco com as armas pontifícias, aberta aos ventos num mastro de ferro de 20 toneladas, e tendo em frente majestosa cruz de pau Brasil, vinda de Porto Seguro, mandada pela Diocese de Ilheus. Como foi idealizado, na austerdade e lisura de suas linhas, com os microfones e pessoal de rádio, imprensa e televisão colocado em galeria, para trás e para os lados, o altar permitiu celebração piedosa e recolhida dos atos litúrgicos. Para trás da Praça Paris, no alto da torre do magazine Mesbla, instalou-se o carrilhão eletrônico Schulmerich, trazido dos Estados Unidos pela RCA Victor especialmente para as solenidades do Congresso, concentrando em 312 kgs. o que em bronze gastaria 18 toneladas, e capaz de espargir as melodias suaves das Ave-Marias até uma distância de 30 quilômetros.

Sua Eminência o Senhor Cardial Legado

O pensamento de Sua Santidade o Papa Pio XII, enviando ao Congresso, como seu legado a Iatere, o eminentíssimo cardial Dom Bento Aloisi Masella, significou para os brasileiros, mais uma demonstração de paternal solicitude e benevolência do Pai comum da cristandade. Por 18 anos seguidos Dom Masella conviveu conosco, representando a Santa Sé perante o nosso Governo, incansável na escolha de bispos zelosos, na multiplicação das dioceses, na campanha das missões. A missão pontifícia foi recebida no Cais Mauá às 15 horas do dia 16, desembarcando do Augustus, em cujo topo tremulava também a bandeira do Papa. Com todas as honras de chefe de Estado, tomando lugar no carro oficial, ao lado do Presidente da República, acompanhado pelos senhores Ministros e Corpo Diplomático, Sua Eminência se dirigiu ao Palácio das Laranjeiras, onde ficou, hóspede oficial do Governo Brasileiro. Homenageado por ambas as casas do Congresso, pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, recebido pelo Presidente da República, pela Embaixada da Itália, Nunciatura Apostólica, Sua Eminência foi continuamente visitado, por pessoas de todas as categorias, desde a alta aristocracia e os homens de governo e da diplomacia, até humildes religiosas que lhe iam pedir a bênção, e simples fieis. Para todos Sua Eminência tinha sempre uma palavra paterna e amiga.

As exposições oficiais do Congresso

Nos dias 17 e 18 abriram-se as quatro exposições promovidas oficialmente pelo XXXVI Congresso Eucarístico Internacional.

A exposição de catecismo foi realizada pelo Departamento de Catecismo da Conferência dos Religiosos do Brasil, à Rua Farani, 75, na Faculdade de Filosofia Santa Ursula. Ocupou três pavimentos do belo edifício da Faculdade. Dos primeiros painéis da entrada, até a sala de vendas, a exposição apresentou uma síntese orgânica, nova, agradável, da catequese, em todos os planos, em toda a extensão. O problema do ensino religioso, em dados estatísticos, onde o Brasil figura apenas com 5% da população infantil recebendo instrução religiosa — o problema do homem — o mistério de Cristo — a criação do mundo e do homem — a encarnação e a redenção — catequese, em suas fases principais — a evangelização do Brasil — evangelização do mundo, a obra missionária — ação católica, catecismo e métodos — apostolado pela Bíblia, Liturgia e Catecismo, pelo ensino, imprensa

partes — uma classe de jardim de infância — a vida cristã através dos sacramentos — vida cristã e as visitas — vida religiosa — os novíssimos — era, em resumo, o conteúdo da magnífica exposição catequética. Ao longo das salas, marginando os painéis, era apresentado o material catequético relativo, proveniente de 215 editoras diversas, com as quais o Departamento de Catecismo da C. R. B. entrou em contacto, para chegar a esta realização. A Diretora do Departamento, Madre Teresa de Cristo O. S. U., depois da fase inicial de estudos e planos, trabalhou com suas auxiliares, desde o mês de dezembro de 1954. A longa jornada terminou numa vitória esplêndida. Mais de uma centena de senhores Bispos e Prelados, inúmeras catequistas, deputados, diplomatas, eminentíssimos Cardinais, e milhares de pessoas, visitaram a exposição, até o último dia de julho. Esta síntese catequética será conservada numa obra, a ser publicada pelo Departamento, no intuito de dar às catequistas uma visão orgânica de toda a doutrina que devem transmitir aos seus alunos. Entretanto, mais que no livro, ou mesmo no filme, que lhe conservará a lembrança do fino gosto com que foi projetada e realizada, a Exposição de Catecismo do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional continuará viva, a fazer o bem, através da rede de articulações e contactos que ela principiou, e que o Departamento conservará, como sua tarefa ordinária, no intuito de melhorar sempre mais o ensino religioso, onde quer que possa chegar sua influência.

A Exposição Missionária ocupou dois barracões bem vizinhos da Praça do Congresso, tendo sido visitada todos os dias, por milhares de pessoas. Idealizada por Dom Helder Câmara, realizada pelo Pe. Antonio Rijnn, da Congregação do Espírito Santo, e pelo Pe. Dr. Guilherme Saake S. V. D., professor de etnografia e etnologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Secretariou os trabalhos da comissão a Sra. D. Alice Scheliga. Sua preparação representou um ano e meio de intenso trabalho, com planejamento, pesquisa e coleta de material in loco, no coração da floresta e em contacto com os indígenas. Das 31 prelazias existentes no Brasil, 17 foram visitadas. Mais de 20 pessoas trabalharam na sua preparação próxima e montagem, com uma participação destacada dos jovens seminaristas da Academia Missionária do Verbo Divino, em Santo Amaro. O Ministério da Agricultura, Museu de Caça e Pesca, Fundação Brasil Central e o Jardim Botânico, oferecendo 1.200 espécies de plantas diversas, se encarregaram da encenação, que reproduzia o ambiente da floresta, na sua fauna e flora.

O objeto de maior valor etnográfico, veio das Missões da Prelazia do Rio Negro, no Amazonas: um "trociano" autêntico, do qual só há três

especimens atualmente: um na América do Norte, outro em São Paulo; e um no Museu Missionário Salesiano de Campo Grande, Mato Grosso. É o instrumento com que a tribo dos Ticuanos consegue enviar suas mensagens até a distância de 20 quilômetros. Diríamos, é o telégrafo sem fio dos filhos das selvas.

Outro objeto raro, e por isto mesmo de valor, veio do Museu Missionário Salesiano de Campo Grande. Trata-se de um esqueleto autêntico de um índio bororó, um bóe-é-rá, desenterrado, como é costume da tribo, depois de ter estado cerca de 4 semanas na sepultura, e agora enfeitado com penas, preparado para a sepultura definitiva, que se faz na árvore. Não se conhece semelhante em nenhum outro museu.

Os Padres Capuchinhos da Prelazia de Alto Solimões, que catequizam a tribo dos Ticunas, apresentaram também um conjunto raro, de valor etnográfico, original: é o material completo para a festa da moça nova, segundo o uso da tribo..

Durante a exposição missionária, os Padres do Espírito Santo, a quem a Santa Sé confiou no Brasil a Obra da Santa Infância, deram os primeiros passos para difusão de tão simpático movimento, que terá com certeza grande aceitação em nosso meio, tão preparado pelas campanhas missionárias de outubro. Mais de 200 inscrições se fizeram diariamente, de senhoras que adotavam um indiozinho das selvas para batizar, dando-lhe o nome e oferecendo ao missionário os meios necessários para seu apostolado.

A Exposição de Arte Sacra se instalou no edifício da antiga estação de hidros, gentilmente cedido pelo Ministério da Aeronáutica. Dom Clemente Maria Silva Nigra, O. S. B. foi quem a idealizou e realizou. Como D. Clemente, em todas as suas obras, primeiro trata do homem, do artista, e depois da obra artística, também nós, neste noticiário de sua exposição, vamos primeiro apresentá-lo aos nossos leitores, para depois examinarmos a sua exposição, que foi uma das mais visitadas. É alemão de nascimento, filho da Floresta Negra. Veio ao Brasil, partindo de Constança, com 18 anos, já com intenção de se fazer beneditino. Noviço em Salvador, tomou o hábito em 1922, e se ordenou sacerdote em 1928; na antiga Sé. Foi o último sacerdote ordenado naquela catedral, destruída depois em 1933, deixando a outros a primazia de ser o maior edifício de toda a América do Sul. É arquivista-mor da Ordem de São Bento no Brasil, e perito de belas artes da Diretoria do Patrimônio Histórico Nacional. Mora no Rio de Janeiro há 15 anos, tendo vindo para cá a chamado do então Ministro Gustavo Capanema, ocupando o cargo em que ainda hoje se encontra. Sua especialidade é arte antiga no Brasil, em particular a história dos artistas. Já escreveu: *Construtores e Artistas do*

Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro — Frei Bernardo de São Bento, o Arquiteto Seiscentista do Rio de Janeiro — Frei Domingos da Conceição; o escultor seiscentista do Rio de Janeiro — Frei Ricardo do Pilar, o Pintor Seiscentista do Rio de Janeiro — e tem prontas para o prelo: Frei Macário de São João, o arquiteto seiscentista da Baía — Sepultados e sepulturas no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro — José Custódio de Sá e Faria e Outros Artistas Beneditinos de São Paulo — O Dietário do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro e seus Documentos — O Santuário Mariano do Brasil — A imagem de cerâmica do Brasil Colonial — Carlos Roberto, Barão de Planitz, o Desenhista do Rio de Janeiro de 1840. Dom Clemente edita suas obras na tipografia do Mosteiro de São Bento da Baía, e é ele mesmo o paginador, porque acha que uma obra sobre arte, deve ter uma disposição artística. As primeiras publicações de Dom Clemente foram os documentos mais antigos da história da Baía, sobre o Caramuru e Catarina Paraguassú. Conhece o Brasil antigo todo, e todas as suas obras de arte. Por isto mesmo não lhe foi difícil organizar a exposição. Conhecia de memória todos os objetos, e era sómente reuni-los, mandar buscá-los, como o diretor de colégio, que confiece todos os seus meninos, e os reúne, chamando-os pelo nome, para desfilarem numa parada cívica.

600 objetos de arte estavam expostos, das primeiras imagens quinhentistas; em barro cosido, até as finas peças de ouro e prata. Entre todas as obras, três se destacavam: Primeiro, o rico altar de prata, de 1785, do convento do Carmo, da Lapa, no Rio de Janeiro, atribuído ao grande prateiro carioca, capitão Martinho Pereira de Brito. Todo lavrado em fina prata, frontal, banqueta; 6 castiçais e 6 florões. Avaliado hoje entre 10 e 15 milhões. O altar não tem cruz. Ou porque o prateiro não pôde concluir seu trabalho, ou porque se perdeu. A que estava na exposição, de madeira, é da autoria do maior escultor do Rio de Janeiro no século XVII, Frei Domingos da Conceição da Silva, beneditino. O segundo objeto é o andor de Nossa Senhora do Carmo, propriedade da Ordem Terceira do Carmo, do Rio de Janeiro; prata com ametistas, tendo as duas imagens coroas de ouro, com quase 4 kgrs. de peso. A terceira peça de valor era o grande e belo esquife do Senhor Morto, da Igreja do Carmo, do Rio de Janeiro, com guarnição de prata, valendo pela beleza e expressão da imagem. Como era natural numa exposição de arte sacra durante um Congresso Eucarístico, havia uma grande coleção de custódias, desde a mais antiga do Brasil, do mosteiro beneditino de Santos, de cerca de 1.600, até a mais rica e preciosa de toda a colônia, pertencente ao Convento do Desterro, das Clarissas Pobres, de Salvador, onde se encontra o maior tesouro de arte antiga no Brasil. Toda em ouro de lei, pesa 7.100

grs. e está ornada de 331 pedras preciosas e semi-preciosas. Trabalhada pelo mestre-ourives baiano, Boaventura de Andrade, em 1807, custou na ocasião de feito, 1.100\$000, e de material, 2.091\$515. Hoje, está avaliada em não menos de 10 milhões. Superior a esta, no Brasil, em material, não em arte segundo o pensamento de D. Clemente, sómente a custódia monumental do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional.

A exposição de Ação Social da Igreja foi organizada pela Ação Social Arquidiocesana, sob a direção de Dom José Távora, Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro, e revelou, em levantamento feito pelo I. B. G. E., em colaboração com a exposição de ação social, a existência, no Brasil, de mais de 5.000 obras de inspiração católica, que exercem atividade social.

Outras exposições se realizaram ainda durante o Congresso, como a exposição de quadros marianos, a do livro católico, à de arte sacra espanhola e filatélica.

Movimento religioso

O recolhimento e a piedade foi a nota dominante em todos os atos litúrgicos do Congresso. Realmente a imensa praça se transformou numa catedral eucarística, onde todos rezavam e cantavam. As horas santas e as vigílias se multiplicaram pelas várias igrejas do Rio de Janeiro. A procissão de Nossa Senhora Aparecida, no dia 17, concentrou não menos de meio milhão de peregrinos diante da estação Pedro II e ao longo da Avenida Presidente Vargas. Mais de 5.000 enfermos vieram à praça, no dia 19. A procissão marítima do SSMo. Sacramento, ao cair da tarde do mesmo dia, vindo de Niterói, encheu de luzes a Baía de Guanabara. Para a comunhão das crianças, no dia 23, mais de 200.000 acorreram à Praça do Congresso. Mais de 400.000 homens na noite da comunhão dos homens, no dia 23. Mais de 350.000 vieram, no dia 21, para a comunhão das senhoras e moças. De várias fontes noticiosas, consta que 600.000 peregrinos vieram ao Rio de Janeiro. Cerca de 3.650 peregrinos estrangeiros ficaram hospedados nos próprios navios em que viajaram, 16.000 ficaram hospedados sob responsabilidade direta da Comissão do Congresso. A concentração do dia 24, à noite, para encerramento, fechou com chave de ouro a semana inesquecível dos triunfos de Jesus Hóstia nesta terra de beleza sem par. A praça e as imediações ficaram completamente lotadas, e a vibração da imensa multidão, ao entrar, a monumental custódia, agitando lenços brancos, proporcionou aos presentes uma visão de paraíso, inundando a todos num sentimento de indescritível alegria.

Clérigo e Religiosos

Consta terem estado no Rio de Janeiro cerca de 5.000 sacerdotes, 2.000 seminaristas e irmãos leigos, e cerca de 8.000 religiosas. S. Eminéncia o Sr. Dom Jaime Câmara, respondendo a uma mensagem de Eisenhower, presente à Conferência dos 4 Grandes em Genebra, a discutir os assuntos da paz, pôde declarar que 20 cardinais, 300 bispos, milhares de sacerdotes, e mais de um milhão de peregrinos do mundo inteiro, ao redor do altar da Eucaristia, rezavam pela paz, a paz que o mundo não pode dar, a paz de Cristo.

As sessões solenes

Em quatro sessões solenes os congressistas acorreram à praça, para ouvir mestres competentes e brilhantes oradores dissertando sobre o tema do Reino Eucarístico de Cristo, considerado em relação à sua Igreja, ao Indivíduo, à Família, e à Sociedade. Alceu de Amoroso Lima, Eurípedes Cardoso de Menezes, Luiz Delgado, e Armando Câmara, elementos de destaque do laicato católico, entreteram, agradavelmente, a assembleia, com peças oratórias cheias de piedade e densas de doutrina.

A Igreja do Silêncio

Uma lágrima dorida em meio às alegrias e triunfos do Congresso. Entre tantos peregrinos estrangeiros, faltavam muitos, de nações que tinham estado presentes em outros congressos. E não vieram ao XXXVI C. E. I., porque subjugadas pelos inimigos de Deus e da Igreja. Repetidas vezes foram lembrados estes nossos irmãos que padecem perseguição. Mons. Tato e Mons. Novoa, exilados da Argentina, vieram, no mesmo navio em que viajou a missão pontifícia. A delegação argentina os recebeu com entusiasmo, no cais do porto, ostentando cartazes e clamando corajosamente: "Argentina católica", "Roma". No dia 22 de Julho Dom Vicente Brizgys, Bispo Auxiliar de Kowno, oficiou na Praça do Congresso a Via Sacra do Silêncio, 14 estações, representando as 14 nações que ora se acham sob o jugo vermelho, percorridas por orantes filhos destas pátrias desditosas, e agora refugiados em terras mais acolhedoras. S. Excia. Revma. falou: "Atrás da certina de ferro estão sofrendo cerca de 100 milhões de católicos. Há muitos anos vêm sendo submetidos a tratamento satânico. Mas apesar de todos os sofrimentos, permanecem firmes na fé e na esperança. Essa fé e per-

severança baseia-se na convicção de que não foram esquecidos pelos católicos e por todos os cristãos do mundo livre". Formamos em Cristo um só corpo. O sofrimento de um, é sofrimento de todos.

Universalidade da Igreja

Ide, e ensinai a todos os povos, foi a última palavra do Divino Mestre aos Apóstolos. A todos, sem exceção. E os povos, de todas as raças e línguas, ouviram a pregação do Evangelho. Universal, destinada a salvar todas as nações e todas as gentes: eis a mais bela característica da Igreja de Cristo. E este espírito se sentiu e se respirou no Rio de Janeiro, com o Congresso Eucarístico. Alemanha, Austrália, Áustria, Canadá, Croacia, Espanha, Estados Unidos, Estonia, França, Holanda, Hungria, Inglaterra, Irlanda, Itália, Letónia, Líbano, Lituânia, Polônia, Portugal, Síria, países latino-americanos, para falar sómente das peregrinações mais numerosas, para as quais havia programa especial e em destaque, no conjunto das solenidades do Congresso, representavam vivamente a universalidade da Igreja de Deus Nosso Senhor.

As Organizações Internacionais Católicas

Pela primeira vez, na América Latina, se encontravam as Internacionais Católicas, para uma série de debates e estudos. Sede dos trabalhos foi a Pontifícia Universidade Católica. A sessão de instalação foi particularmente solene, pelo brilho das personalidades que participaram e pela importância das relações apresentadas. Além da palavra oficial da Santa Sé, transmitida em documento do Santo Padre o Papa Pio XII, com uma benção para os trabalhos das Internacionais Católicas, da palavra do Sr. Núncio Apostólico Dom Armatido Lombardi, que presidia, discorreu longamente sobre a "responsabilidade dos católicos nas atividades internacionais e a ação das Organizações Internacionais Católicas", o prof. André Ruszkowski, da Pontifícia Universidade Católica do Perú. Toda a sua argumentação se baseou na doutrina do Apóstolo, sobre o corpo místico, e nos escritos dos primeiros Padres, particularmente São Cipriano, solidarizando-se com os fiéis de outras comunidades, quando padeciam por amor de Jesus Cristo.

Todos nós esperamos que destes encontros principie para nossas organizações de apostolado, uma nova fase, de mais eficiência, de ritmo mais acelerado em conquistas e realizações, porque estimuladas pelo intercâmbio com as organizações irmãs de outros povos.

Só conluindo

Evidentemente não é possível dar aos nossos leitores, nos limites de um artigo, uma visão completa do que foi o XXXVI Congresso Eucarístico Internacional. Isto exigiria um poder de síntese que não possuímos. Nem mesmo os congressistas presentes no Rio de Janeiro puderam participar de todas as solenidades, atos e sessões do Congresso. O programa, particularmente denso e variado, permitia ao congressista selecionar, sem incompatibilidade de horários, o que mais de perto lhe pudesse interessar.

Uma conquista sem dúvida o Congresso realizou: a renovação espiritual do nosso povo. Com o Rio de Janeiro, rezou o Brasil inteiro, acompanhando a Jesus Hóstia na procissão triunfal do encerramento. E a oração unifica e eleva. O Rio de Janeiro, tradicionalmente tão hospitalero e прe-ativo para com os turasteiros, redobrou de solicitudes, porque animado agora, não só pelo habitual bom humor do carioca, mas sobretudo pela caridade cristã, que levou cada qual a ver no próximo um irmão. Os frutos da preparação, amadurecidos em missões populares, semanas e congressos eucarísticos regionais, já foram abertos. Copiosos foram os resultados da parada final desta longa jornada que o Brasil empreendeu desde as primeiras marinadas do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional.

Mais ainda, porém, resta por fazer. O Congresso não foi um ponto final, mas sim um ponto de partida. Os encontros das O. I. C. marcaram novos caminhos para nossas organizações de apostolado. As estatísticas das exposições oficiais, se por um lado nos consolaram, mostrando o quanto já se fez em cada setor de atividade da Igreja, por outro nos abriram os olhos, para o quanto que ainda nos resta fazer. O profeta Elias, acordado pelo anjo, comeu do misterioso pão, e depois caminhou sem desfalecimento por 40 dias seguidos. Também nós, alimentados com o pão divino da Eucaristia, transformados, como pede em sua oração final o Santo Padre, em arautos do Reino eucarístico do Senhor Jesus, longe de cruzar os braços e descansar sobre os louros alcançados, vamos à luta e à batalha, porque as almas precisam ser conduzidas ao aprisco do Bom Pastor; e porque o inimicus homo não desceansa nunca.

Pé. Irineu Leopoldino de Sousa S. O. B.

SERVIÇO DE PROCURATÓRIOS

A habilitação para recebimento de uma subvenção, princípio, de acordo com os dispositivos da lei 1.493, de 1951, com a apresentação de contas da verba já recebida pela entidade. Neste ano de 1955, a circular n.º 1, da Presidência da República, insistia na aplicação deste dispositivo, chamando a atenção dos órgãos ministeriais encarregados da execução orçamentária.

A prestação de contas é trabalho de rotina nos serviços de contabilidade de uma casa. A um contador experiente, bastaria pedir uma prestação de contas, de acordo com as exigências da contabilidade pública, para termos uma documentação perfeitamente em ordem. Infelizmente nem todas as instituições mantêm regular serviço de contabilidade, ou não têm contadores bastante experientes. De ai acontecer, não raro, que as prestações de contas não vêm em ordem, paralisando o recebimento de verbas posteriores. Assim em 1951, não poucas entidades ficaram com auxílios, até vultosos, paralisados, por esta razão. Também neste ano o mesmo inconveniente se repetiu para muitas instituições.

Difícil é a prestação de contas, conforme se referir a uma subvenção ordinária ou a uma extraordinária. Para as ordinárias, consiste no relatório das atividades, durante o ano a que se refere a subvenção, e balancete também do mesmo ano. Este balancete deve incluir, na coluna da receita, a subvenção recebida, é lógico. Convém, embora não seja exigido pela lei 1.493, apresentar os recibos comprovantes das despesas pagas com a importância da subvenção. Selados, de acordo com a lei do selo.

Para as subvenções extraordinárias, a prestação de contas se faz sómente com a apresentação dos recibos comprovantes das despesas feitas. As contas devem corresponder ao plano de aplicação apresentado para o recebimento da verba. Entretanto, é muito natural que possa haver discordância entre o plano de aplicação e as contas, dado o espaço de tempo que não raro decorre entre o começo do processo e a efetivação do pagamento, por parte do Ministério, o que traz como consequência que os preços não são mais os previstos no plano; ou as obras ali apresentadas, inadiáveis, já foram realizadas e pagas com outros recursos da entidade. — Neste caso, a solução está numa exposição de motivos, indicando as razões pelas quais o dinheiro da subvenção foi aplicado de modo diferente do que se tinha planejado. Uma diferença não pode haver: é a da destinação ou da natureza da verba. Verba ordinária se destina à manutenção, e os comprovantes devem ser todos referentes a material de consumo, ou de reparos e conservação de edifícios. Verba extraordinária é para equipamentos, ou obras, e os comprovantes devem ser todos de material de construção ou reforma de prédios, ou então de material permanente (móveis, máquinas, utensílios).

Todo recibo deve trazer discriminação da mercadoria ou do trabalho a que se refere. Em caso de mercadorias, deve indicar o preço unitário, se global. Se a discriminação do material ou do serviço consta de outro documento que não o mesmo recibo (nota de entrega, fatura, etc.), este outro documento deve ser anexado ao recibo.

(Continua no próximo número)

CORRESPONDÊNCIA E COMUNICAÇÕES DIVERSAS

1 — A propósito da Revista e do Anuário, entre numerosas outras, recebemos a seguinte apreciação, de Frei Constantino Koser, dos Padres Franciscanos de Petrópolis, que nos escreve, em data de 26 de Julho: "Voltando do Sul, onde passei várias semanas, encontrei em mãos de Frei Boaventura um exemplar do "Anuário dos Religiosos do Brasil-1955". Fiquei contentíssimo de ver que esta obra tão útil já estava circulando. Venho exprimir-lhe os meus parabens. Examinei detidamente o grosso volume, encantado de seu feitio e da ótima disposição de tudo. Que riqueza de informações... Que utilidade de tudo... Penso que este volume, além de servir à informação e assim prestar um serviço já imenso, ainda será útil para estimular, e muito, orientar e dirigir as ordens e congregações, e muitos outros em seus trabalhos. Minhas felicitações — Depois de dar várias informações para melhorar a próxima edição, corrigindo inexatidões e omissões, conclue: — Penso que se todos os que observarem alguma falha derem as informações que sabem, o "Anuário" rapidamente atingirá o gráu de acabamento que todos lhe desejamos, admirados do gráu já alcançado nessa primeira edição".

2 — Desde dezembro de 1953, a Congregação das Irmãs de São José de Tarentaise uniu-se à Congregação das Irmãs de São José de Chambery, passando a chamar-se União Romana das Irmãs de São José de Chambery, e contam com uma só classe de irmãs, as coristas.

3 — A Nunciatura Apostólica, no Rio de Janeiro, está agora localizada em nova sede, à Rua Almirante Alexandrino nº 1.112, Santa Teresa, Telefone 25-0987.

4 — Do Serviço de Viagens. Os religiosos e religiosas que viajam estão agora principiando a usufruir, em maior escala, dos benefícios que este serviço pode prestar às comunidades. Preparação dos papéis e documentos necessários para a viagem, quando para o exterior; defesa dos interesses dos religiosos, perante companhias de transporte ou outras agências de viagens, mais preocupadas com os seus próprios lucros, que não com os interesses dos religiosos; alto coeficiente de segurança, em viagens aéreas, pois a Conferência só trabalha com as melhores companhias; conforto e bem estar, compatível com a pobreza religiosa dos que devem viajar por intermédio dos nossos serviços; e por fim, bonificações ou subvenções, oferecidas pela Conferência aos que preferem nossos serviços. Até hoje, com exceção de casos particulares de relações pessoais com dirigentes de companhias de transportes, ninguém pôde proporcionar aos religiosos, viagens mais baratas do que o Serviço da Conferência. Nestes dias estamos enviando pelo correio numerosos registrados com valor, levando as subvenções oferecidas pela Conferência aos que nos devolveram, ao terminar suas viagens, os talões de passagens da Cruzado do Sul.

5 — Os Padres Salesianos da Inspetoria de São Luiz Gonzaga, do Norte do Brasil, estão de parabens, com a elevação de seu Inspetor à dignidade episcopal, como titular de Amatunte na Palestina e auxiliar de Dom Orlando Chaves, de Corumbá. Também estão de parabens os Padres do Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras, pela elevação de seu Superior, Mons. Aristides Pirovano, titular de Adriani e Prelado Nullius de Macapá. A Conferência, cumprimentando-os, pede uma de suas primeiras bênçãos para o desenvolvimento e consolidação de nossa organização.

6 — Do Departamento de Estatística. Continuamos aguardando os questionários, devidamente preenchidos, das seguintes paróquias: Ordem dos Frades Menores: Convento do Rosário, de Estância; Convento Sagrado Coração de Jesus, de Ribeirópolis; Convento de Santo Antônio, de Feira de Santana; Convento São Francisco, de Alagoinhas; Paróquia Nossa Senhora da Conceição, de Aporá; Nossa Senhora do Bonfim,

Conde; de Nossa Senhora do Livramento, de Rio Real; do Sagrado Coração de Jesus, de Fortaleza; Convento São Francisco, de Juazeiro do Norte; Noviciado de Nossa Senhora de Lourdes, de Guaramiranga; Paróquia de Abaetetuba; de Arará; do Sagrado Coração de Jesus, de Amarante; do Leprosário, de Antonio Diogo; de Barcarena; de Bujaú; São Pedro de Alcantara, de Carolina; de Cocal; de Conde; de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, de Esperantópolis; Capelania Militar de Fortaleza; Nossa Senhora do Bonfim, de Grajaú; Santa Teresa, de Imperatriz; de Luiz Corrêa; do Leprosário Antonio Justa, de Maracanaú; de Mojú; de Natal; do Leprosário de Carpina; de Nossa Senhora da Conceição, de Porto Franco; do Leprosário de Bonfim, de São Luiz; capelania da Colônia Santa Fé, de Três Corações; de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia, de Belo Horizonte; Nossa Senhora do Rosário, de Patos de Minas; de Bom Repouso; de Lago Formoso; Seminário Seráfico Santo Antônio, de Ouro Fino. — Enquanto compreendemos a soma de trabalhos que pesa sobre cada um dos nossos correspondentes, e por isto mesmo relevamos a demora e os atrasos, esperamos compreendam também a necessidade de prestar estas informações, sem as quais muitas vezes não se têm elementos para planos e decisões de grande interesse comum.

7 — Como divulgamos em nosso número de Agosto, a Santa Sé instituiu, junto à Sagrada Congregação dos Religiosos, a Obra Pontifícia Primária das Vocações Religiosas, à qual se podem agregar ordens e congregações, comunidades, ou obras de vocações já existentes. Convém fazer esta agregação, da qual virá, da Sagrada Congregação, o respectivo diploma. O pedido deve ser feito pelo superior da comunidade ou da obra, e pode ser encaminhado através da Conferência dos Religiosos. Nossa correspondência e nossos pedidos em Roma têm sido sempre atendidos com solicitude.

8 — Com a publicação do Anuário, e a expedição regular de nossa Revista, é natural que principie a chegar às comunidades religiosas uma série de publicações e de propaganda, acontecendo até que muitas das nossas instituições passam a ser visitadas pessoalmente por agentes comerciais de todos os feitos. Prevenimos a todos, para que não estranhem. A falta de um elenco completo, bem feito, facil de se consultar, deixava as casas religiosas como que escondidas, à margem dos acontecimentos. O Anuário revelou a outras organizações a força e pujança da nossa. E' natural que venha o intercâmbio. Não vemos nenhum mal em afluir para a casa religiosa uma onda de ofertas, de propaganda, ou de propostas de entidades interessadas em estabelecer relações com os religiosos. O mal seria a falta de critério na seleção destas oportunidades, e o deixar-se enganar por inescrupulosos que vivem de fraude. A Conferência está à disposição das comunidades, quando consultada, para lhes salvaguardar os interesses.



CRÔNICA — A C. R. B. DURANTE O XXXVI CONGRESSO EUCARÍSTICO INTERNACIONAL

A presença, no Rio de Janeiro, durante o Congresso Eucarístico, de religiosos e religiosas provenientes de todos os Estados, e pertencentes a quase todas as famílias religiosas que trabalham no Brasil, bem como de Superiores provinciais e Gerais vindos do estrangeiro, proporcionou ocasião propícia para se estreitarem relações e para contactos que certamente serão fecundos. Foi intensíssimo o ritmo de trabalho, desde uma semana antes, durante o Congresso, e depois. Ninguém se lembrou, porque não havia tempo, de fazer estatística das pessoas que visitaram a C. R. B. nestes dias. Referimos nesta crônica apenas aqueles cujos nomes, por um ou outro motivo, ainda guardamos de memória: Dom Eliseu Maria Coroli, prelado de Nossa Senhora do Rosário de Guamá; Dom Camilo Faresin, prelado de Registro do Araguaia; Dom Inocêncio Lopes Santamaria, prelado de S. Raimundo Nonato; Dom Clemente Geiger, Prelado do Xingú; Mons. Bayer, assistente eclesiástico da Charitas Internationalis; Dom José Medeiros Delgado, Arcebispo de São Luiz do Maranhão; Pe. Gastão Courtois, diretor da organização das Religiosas Assistentes Paroquiais, Diretor Geral da União das Obras Católicas, na França, e assistente eclesiástico do Bureau International Catholique de l'Enfance; Dr. Henry Amiel, representante da National Catholic Welfare Conference, no Brasil; Pe. Gibbons S. J., professor de economia política e estatística no Loyola College de Chicago; Dom Orlando Chaves, Bispo de Corumbá; Mons. Ladislau Paz, e Mons. Aristides Pirovano, recentemente eleitos bispos pela Santa Sé; Pe. Guido Barra, inspetor dos Salesianos em Mato Grosso; Pe. Antonio March, Superior geral dos Clerigos Regulares (Teatinos); Frei José Maria de Alba, vice-presidente da Organização dos Religiosos da Colômbia; Mlle. Callou, secretária geral do Comité Internacional das associações católicas de enfermeiras e assistentes médico-sociais; Madre Saint Elisabeth, superiora geral das Irmãs da Assunção; a Madre Geral das Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade, de Belo Horizonte; a Superiora Geral das Filhas do Coração Imaculado de Maria, de Caucaia.

Além do intenso movimento na séde, a Conferência deveu participar dos Encontros das Organizações Internacionais Católicas, podendo figurar simultaneamente em várias secções especializadas dos mesmos, através das diretoras de seus departamentos. Sobretudo a articulação com a Charitas Internationalis, e com o Pe. Gastão Courtois, prometem ser fecundas de muitos frutos para a vida religiosa em nosso meio.

A Conferência, representada por numerosos superiores e superioras provinciais presentes no Rio, foi recebida por Sua Eminência Revma. o Sr. Cardeal Dom Bento Aloisi Masella, legado a latere do Santo Padre o Papa. A audiência se realizou no palácio das Laranjeiras, no dia 20, pela manhã. O Secretário Geral da Conferência leu breve discurso de saudação, no qual entregava a Sua Eminência, para levar ao Santo Padre, um exemplar do Anuário dos Religiosos do Brasil - 1955, ricamente encadernado. Em artístico pergaminho, na primeira página, lia-se a seguinte súplica: "Beatíssimo Padre: Os Religiosos e as Religiosas do Brasil, unidos na Conferência, para alcançar os objetivos de atualização e organização, humildemente prostrados aos pés de Vossa Santidade, prestamos filial homenagem com a singela oferta deste Anuário, e pedimos uma bênção para nós pessoalmente, para a perseverança, santificação e aumento das nossas vocações, para nossas obras e nosso apostolado, para sempre mais aprimorada formação dos elementos novos, e para a continuidade, consolidação e êxito da Conferência dos Religiosos". Sua Eminência respondeu à saudação, com palavras repassadas de paterna solicitude e interessamento pela vasta obra de apostolado que os religiosos desenvolvem no Brasil.

No dia 18, os Superiores e os Religiosos presentes à Hora Santa, tiveram, logo a seguir, uma reunião particular, na capela lateral da Igreja de Santana, presidida pela Diretoria da Conferência. Depois da abertura, feita pelo Presidente, Dom Abade, falou o Secretário Geral, por mais de uma hora, expondo os problemas mais imediatos a que se estava dedicando no momento a Conferência. Mostrou a expansão rápida e sólida da

organização, neste ano e meio de funcionamento, graças à colaboração e responsabilidade das diversas famílias religiosas diretamente encarregadas de setores de trabalho. Assim a Conferência já é um patrimônio comum de todos, a serviço dos interesses e problemas comuns dos religiosos no Brasil. Outra reunião se fez, no dia 19, pela manhã, para as religiosas, no Colégio de Sion. Rezou Missa S. Excia. o Sr. Dom Abade. Logo após, o encontro, relembrando, pelo número de religiosas presentes, e pelo local, os dias memoráveis do primeiro Congresso. As religiosas integrantes da Diretoria, e as diretoras dos departamentos, tomaram assento à mesa que presidiu os trabalhos daquela manhã. Depois da exposição do Secretário Geral, falou a Madre Inês de Jesus Batalha, ursulina recém-chegada de Roma, sobre o Instituto Regina Mundi, criado pela Sagrada Congregação dos Religiosos para promover os estudos superiores de religiosas. Falou também D. Laura Jacobina Lacombe, sobre o problema de organização dos jardins de infância, para se filiarem à OMEPP.

Por ocasião do Congresso circulou o primeiro número da Revista da Conferência dos Religiosos, bem como o Anuário de 1955. As duas publicações interessaram vivamente, e sua aceitação veio confirmar que realmente estavam fazendo falta. Por motivo do Anuário, muitos religiosos e superiores puderam visitar o Departamento de Estatística da Conferência dos Religiosos do Brasil, visitado, aliás, entre outras pessoas ilustres, também pela Comissão da Charitas Internationalis e pelo representante da National Welfare Catholic Conference, no Rio de Janeiro, e pelo Pe. Gibbons.

Logo após o Congresso, os Exmos. Senhores Prelados da América Latina, sob a presidência do Eminentíssimo Cardeal Piazza, estiveram em reuniões de estudos, até o dia 5 de Agosto. Para estes encontros, o Departamento de Estatística da C. R. B., a pedido da Nunciatura Apostólica do Rio de Janeiro, preparou todos os estudos e gráficos, oferecendo aos relatores de temas um material abundante e documentado.

Passado o Congresso, encontra-se a Conferência com suas responsabilidades e encargos sobremodo acrescidos. O volume de serviços aumentou grandemente, e de maneira quase repentina. O que nos obrigou a aumentar imediatamente nosso quadro de funcionários, civis que colaboram conosco com tanta dedicação, e religiosos ou religiosas, colocados pelos seus Superiores a serviço exclusivo da Conferência. A esta altura, já o Departamento de Saúde está ultimando sua organização e equipamento, para iniciar quanto antes suas atividades. Está confiado às Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, que cedeu à Conferência o local e o pessoal necessários. Embora com uma sobrecarga de serviços e responsabilidades, a C. R. B. está se saindo bem de suas incumbências, prestando às comunidades um serviço pontual e eficiente em todos os setores, graças ao aumento contínuo do pessoal efetivo de tempo integral, e à solidariedade cada vez maior das Congregações Religiosas.



NOSSA BIBLIOTECA DE FORMAÇÃO TEOLOGICA

(Continuação)

SAGRADA ESCRITURA

C) — HISTÓRIA SAGRADA

1) — *Novo Testamento:*

G. Ricciotti, *HISTOIRE D'ISRAEL*. Tome I, Des origines à l'exil. Paris, A. et J. Picard et Cie 1947, 560 páginas. Tome II, De l'exil à l'an 135 ap. J. C., 1948, 636 páginas. Nouvelle édition revue et corrigée. — Tradução do italiano.

Daniel - Rops, *HISTOIRE SAINTE. LE PEUPLE DE LA BIBLE*. Paris, Fayard 1943, 468 páginas — Tradução portuguesa: *O POVO: BÍBLICO*. Livraria Tavares Martins, Porto.

E' principalmente na pesquisa do Antigo Testamento que a exegese moderna tem feito progressos. As escavações realizadas no Oriente, com particular intensidade, desde fins do século passado, têm trazido à tona grande número de monumentos e fragmentos literários das antigas culturas semítica e egípcia; estes documentos revelam mais e mais o modo de pensar, falar e escrever dos povos vizinhos ou aparentados de Israel, e assim muito contribuem para que melhor se compreenda o sentido de várias expressões ou de inteiras secções dos livros sagrados dos judeus (os quais, sem dúvida, foram redigidos com o aparato linguístico e científico de que podia dispor um filho do Oriente antigo, um filho de Israel).

Em consequência, o modo de interpretar o Antigo Testamento tem evoluído; percebe-se hoje em dia que várias narrativas ou frases das Escrituras não devem ser tomadas estritamente ao pé da letra, como até o século 19 se julgava; são ornadas de artifícios literários e estilísticos que, como artifícios ou ornamentos, não como afirmações historiográficas ou científicas, hão de ser entendidos. Também os fenômenos extraordinários ou milagres do Antigo Testamento, que por muito tempo atrairam primariamente a atenção dos leitores, pa-

recendo constituir a grande mensagem da história sagrada, são hoje em dia interpretados com sobriedade: os exegetas reconhecem cada vez mais que Deus não derroga sem motivo grave às leis por Ele mesmo estabelecidas no universo; serve-se frequentemente de criaturas ou de "causas secundas" para obter efeitos providenciais; por conseguinte, muitos dos portentos bíblicos hão de ser ditos milagres "quanto ao modo" apenas, não "quanto à substância"; em outros termos: hão de ser considerados fenômenos naturais (tempestades, enchentes, terremotos, etc.) que Deus suscitou em circunstâncias extraordinárias.

Claro está que, na utilização dos resultados das ciências modernas, não poucos exegetas cairam em excessos, esvaziando a Bíblia de seu conteúdo sobrenatural. Tais autores são falazes, apesar da grande erudição que ostentam. Outros, porém, mediante as descobertas da arqueologia, souberam louvavelmente ilustrar o texto bíblico; ajudaram-nos assim a compreender melhor a mensagem da Escritura, que não é de ordem científica ou profana, mas estritamente religiosa ou teológica. Talvez se possa dizer que um dos maiores portentos da história do Antigo Testamento é o monoteísmo mesmo de Israel: um povoinho destituído de gênio (ao lado das

grandes civilizações do Egito, da Mesopotâmia, da Pérsia, da Grécia e de Roma), por si sempre tendente ao grosseiro e material, pôde ser, durante quase 2.000 anos, o depositário da fé num Deus único e transcendente, e em verdades sublimes que nem os grandes filósofos pré-cristãos souberam conceber (a criação do mundo a partir do nada, a providência paterna do Criador, a justa sanção, etc.); mostrando-se continuamente incapaz de viver coerentemente com tão elevada ideologia, Israel, não obstante, guardou e afinal, após 18 séculos, transmitiu ao mundo o seu patrimônio de sabedoria. E' isto o que, antes do mais, caracteriza a história sagrada como mensagem divina.

Entre os beneméritos estudiosos do Antigo Testamento se distinguem o Abade G. Ricciotti, dos Cônigos Regulares de São João de Latrão, Professor da Universidade de Roma, assim como o conhecido escritor francês Daniel - Rops. Ambos possuem não sómente ciência e piedade, mas também estilo agradável e claro, que lhes facilita a divulgação das verdades mais abstratas e difíceis.

A obra de Ricciotti acima citada descreve a trama histórica do Antigo Testamento, assim como o ambiente geográfico, étnico, que ilustra os livros da Escritura Sagrada. Para se avaliar o significado de episódios bíblicos particulares, torna-se de grande utilidade ler uma síntese como a de Ricciotti; é muito para recomendar que o leitor verifique os textos bíblicos citados pelo exegeta; perceberá assim, em secções escrutinísticas que, à primeira vista, parecem áridas ou obscuras, um conteúdo muito rico, cheio de matizes, insinuados mais do que explicados. Ricciotti começa a sua obra expondo algo da história dos povos com os quais Israel teve outrora contacto (babilônios, assírios, egípcios, fenícios, etc.); não deixa de tratar de questões críticas (formação, fontes, autores dos livros sagrados),

colocando cada problema no respectivo quadro histórico (o que muito contribui para se entender a solução); numerosas tabelas, quadros sinóticos, mapas geográficos, fotografias, completam os capítulos da obra.

A leitura da história sagrada, como a apresenta Ricciotti, não cansa; prende mesmo a atenção do leitor, o qual em seu espírito vê tomarem vida textos sagrados que até então lhe pareciam talvez documentos mortos.

O estudo de Daniel - Rops, também citado acima, é mais suscinto que o anterior; termina a sua narrativa no fim da era pré-cristã, expondo os diversos conceitos de Messias então vigentes entre os judeus; o livro carece de fotografias e apresenta poucos mapas. A concisão desta obra faz que se preste a uma recapitulação ou a uma consolidação do estudo da história sagrada; quem não conheça bem o texto bíblico não saberá perceber as alusões implícitas que Daniel - Rops faz aos livros sagrados; sem dúvida, a obra teria lucrado muito se o autor tivesse citado explicitamente os trechos escriturísticos em que se baseiam as suas afirmações.

Muito chama a atenção o modo como Ricciotti e Rops explicam as pragas do Egito, a passagem do Mar Vermelho, o fenômeno do maná, etc.; reduzem as proporções do "maravilhoso" nesses episódios, não por "medo do milagre", mas por indicação do texto sagrado mesmo, da arqueologia e de sadia teologia. Insistir, sem critério, no aspecto maravilhoso da história sagrada, não é indício de piedade e reverencia; pode até redundar em rebaixamento do texto bíblico e ocultamento da sua genuína mensagem.

De tudo isto se conclui que as duas obras são de notável proveito não sómente para a leitura particular da Sagrada Escritura, mas também para a preparação de aulas de Religião (a catequese não pode ficar alheia à exegese católica!).

2) — *Novo Testamento:*

No Novo Testamento sobressai a figura inconfundível de Jesus, do qual nos falam principalmente os S. Evangelhos. Avulta, a seguir, a do apóstolo São Paulo.

Sobre a vida e a doutrina de Cristo, é grande a produção literária de todos os tempos. Pode-se, porém, dar atenção particular às duas seguintes obras recentes:

G. Ricciotti, *VITA DI GESÚ CRISTO*. Roma, Rizzoli e C. Editori 1943 806 páginas.

Daniel - Rops, *JESUS NO SEU TEMPO*. Tradução portuguesa do original francês *JESUS EN SON TEMPS*, por Jaime Napoleão de Vasconcelos. Porto, Livraria Tavares Martins, 694 páginas.

Os dois autores visam aprofundar o mistério da pessoa e dos feitos de Jesus mediante a explicação do texto dos S. Evangelhos; em vista disto, reconstituem o ambiente geográfico e histórico em que viveu o Senhor; recorrem amplamente às tradições e aos costumes dos judeus, pressupostos pelo texto sagrado; apresentam também a exegese de passagens difíceis, referindo mesmo as diversas explicações que se possam dar a um único texto. Todo esse trabalho é precedido do estudo de questões críticas, agitadas principalmente pelos rationalistas (como se terão originado os Evangelhos? quais as relações dos três primeiros com o de São João? qual a melhor cronologia da vida de Jesus? qual o aspecto físico de Cristo?, etc.).

A obra de Ricciotti é mais desenvolvida que a de Rops, mormente no tocante às

questões críticas e apologéticas; esmera-se em reconstituir com exatidão as circunstâncias da vida de Jesus (o país, as facções israelitas, práticas e crenças dos judeus...); apresenta bom número de fotografias e mapas. Quanto ao estilo, Daniel - Rops é mais literário; sabe ligar o texto sagrado com a história da literatura, da arte, do cristianismo, o que dá encanto especial ao livro do erudito francês; este também fala profundamente à piedade, à alma religiosa, de sorte que em muitas passagens se presta bem à leitura espiritual.

Em suma, os dois volumes, tanto o de Ricciotti como o de Rops, criaram época logo que apareceram, e ainda hoje se pode dizer que representam a última expressão da exegese católica a respeito da vida de Jesus.

O apóstolo São Paulo e seus escritos têm sido objeto de numerosíssimos estudos. Para não mencionar aqui as obras de Prat, Bonsirven, Cerfaux..., indicaremos apenas um volume que, no seu gênero, até nossos dias não foi superado:

J. Holzner, *PAULUS. Ein Heldenleben in Dienste Christi in religionsgeschichtlichem Zusammenhang dargestellt*. Freiburg i. Br. 1937, Herder und Co. 458 páginas.

Traduzido para as principais línguas modernas.

Holzner é um sacerdote que, após graduar o doutorado em Filosofia e Teologia, por longos anos exerceu o magistério em diversas Escolas de Munique. Em viagens que empreendeu tanto pela Europa como pelo Oriente, colheu impressões e abundante material para ilustrar a vida e a personalidade do apóstolo São Paulo. E' justamente o resultado de seus estudos e obser-

vações que Holzner deixa consignado no volume *PAULUS*. Este, por seu estilo fácil e atraente, é obra simultaneamente de ciência e de divulgação.

A vida e o pensamento de São Paulo estão intimamente ligados com o ambiente judaico e helenístico em que viveu o apóstolo. A Sagrada Escritura, porém, (Atos dos Apóstolos e epistolario paulino), apenas

insinua esta conclusão, sem nos referir por-menos. Ora é precisamente tal lacuna que Holzner se propõe preencher; reconstitui, pois, as grandes fases e as cenas particulares da obra missionária de São Paulo, baseando-se nos costumes israelitas e gregoromanos do início de nossa era. Talvez se possa dizer que o autor às vezes apela demais para a fantasia; recompõe os quadros da história de Paulo com tais minúcias que se tem a impressão de haver, no que escreve, conjecturas infundadas ou exageradas. To-

davia mesmo estas passagens mais "arrojadas" contribuem para incutir traços reais da personalidade e da vida de Paulo.

Até 1947 a obra já conhecera vinte edições em alemão, assim como traduções para o holandês, o italiano, o tcheco, o espanhol, o inglês e o francês. Para uma boa iniciação no epistolário paulino, o volume de Holzner faz-se quase indispensável. De grande proveito para o leitor será cotejar com o texto de Holzner os textos de São Paulo que o exegeta comenta ou parafraseia.

Também G. Ricciotti e Daniel - Rops publicaram estudos sobre São Paulo conterrâneos de Holzner:

G. Ricciotti, PAOLO APOSTOLO. Biografia con introduzione critica e illustrazioni. Roma, Coletti Editore 1946, 606 páginas.

Daniel - Rops, SAO PAULO, CONQUISTADOR DE CRISTO. Porto, Livraria Tavares Martins 1952, 302 páginas. Tradução do original francês SAINT PAUL, CONQUÉRANT DU CHRIST, por Jaime Napoleão de Vasconcelos.

A obra de Ricciotti tem caráter mais científico que a de Rops; esta é benemérita principalmente por resumir e divulgar as conclusões dos exegetas anteriores.

D. Estêvão Bettencourt O. S. B.

